

REFLEXÕES SOBRE OS
ESTUDOS DA LINGUAGEM
NA CONTEMPORANEIDADE

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
(Organizador)



REFLEXÕES SOBRE OS
ESTUDOS DA LINGUAGEM
NA CONTEMPORANEIDADE

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
(Organizador)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Reflexões sobre os estudos da linguagem na contemporaneidade

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre os estudos da linguagem na contemporaneidade / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0577-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.771221708>

1. Linguagem. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 418.007

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Em **REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE**, coletânea de cinco capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área de Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.






Temos, no presente volume, reflexões que explicitam essas interações. Nelas estão debates que circundam literatura, escrita de ou em exílio, termos oracionais, arquétipos conceptuais, tuítes, iconicidade, variações linguísticas e libras.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LITERATURA CLARICEANA EM APROXIMAÇÃO À LITERATURA SCLARIANA: O IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEO DE UMA ESCRITA DE (OU EM) EXÍLIO	
Lemuel de Faria Diniz	
Marta Francisco de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217081	
CAPÍTULO 2	12
TERMOS ORACIONAIS E ARQUÉTIPOS CONCEPTUAIS: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DE CONCEITOS DAS GRAMÁTICAS NORMATIVA, DESCRITIVA E COGNITIVISTA	
Daniel Felix da Costa Júnior	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217082	
CAPÍTULO 3	25
O MAL-ENTENDIDO EM TUÍTES: BREVES REFLEXÕES	
Débora Cristina Longo Andrade	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217083	
CAPÍTULO 4	37
ICONICIDADE NOS SIGNOS MULTIMODAIS DAS HQS	
Darcilia Marindir Pinto Simões	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217084	
CAPÍTULO 5	51
ANÁLISE DE VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS NA LIBRAS	
Myrna Salerno Monteiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7712217085	
SOBRE O ORGANIZADOR	63
ÍNDICE REMISSIVO	64

CAPÍTULO 1

LITERATURA CLARICEANA EM APROXIMAÇÃO À LITERATURA SCLIARIANA: O IMAGINÁRIO CONTEMPORÂNEO DE UMA ESCRITA DE (OU EM) EXÍLIO

Data de aceite: 01/08/2022

Data de submissão: 24/06/2022

Lemuel de Faria Diniz

UFMS/CPCX

Coxim, MS, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/3678265004394791>)

Marta Francisco de Oliveira

UFMS/CPCX; UFMS/PPGEL

Coxim, MS, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/5077623703963701>

RESUMO: Este artigo faz uma aproximação entre as obras de Clarice Lispector e Moacyr Scliar, considerando o traço de judeidade e sua influência nas escolhas literárias dos dois autores. Embora Scliar tenha deixado clara sua relação com a cultura judaica e tenha feito tirado proveito literário desta influência, Lispector apenas tangencia elementos que, no entanto, podem ser rastreados em seus textos, estabelecendo sua ligação, de modo a transitar literariamente por entre conhecimentos da cultura judaica e da cultura cristã. Recorrendo a pesquisas importantes realizadas por Waldman, Zilberman e outros, os textos selecionados para nossa leitura mostram os modos como a escrita dos autores compõem parte do imaginário contemporâneo que tratam do exílio e suas formas textuais.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Moacyr Scliar; literatura contemporânea; escrita de exílio.

CLARICE LISPECTOR AND MOACYR SCLIAR: THE BRAZILIAN CONTEMPORARY IMAGINARY OF LITERATURE AND WRITINGS IN EXILE

ABSTRACT: This article brings together the works of Clarice Lispector and Moacyr Scliar, considering the Jewish trait and its influence on the literary choices of the two authors. Although Scliar has made his relationship with Jewish culture clear and has made literary use of this influence, Lispector only touches on elements that, however, can be traced in his texts, establishing their connection, in order to move literarily through cultural knowledge. Jewish and Christian culture. Using important research carried out by Waldman, Zilberman and others, the texts selected for our reading show the ways in which the authors' writings make up part of the contemporary imaginary that deals with exile and its textual forms.

KEYWORDS: Clarice Lispector; Moacyr Scliar; contemporary literature; exile writing.

1 | INTRODUÇÃO

No conjunto da produção literária do escritor Moacyr Scliar (1937-2011), nossa seleção trata de algumas verificações que podem aproximar a escrita do autor gaúcho à realizada por Clarice Lispector (1920- 1977), uma das grandes e consagradas escritoras brasileiras do século XX, e o modo como apresenta em sua obra uma percepção estética e literária que, embora rompesse com padrões

tradicionais acerca do romance entre os anos de 1940 e 1970, no Brasil, é configurada como um aprofundamento de questões e temas clássicos acerca do imaginário humano. No recorte que buscamos realizar, colocamos em perspectiva o traço de judeidade presente em Lispector, que a coloca em lugar privilegiado para nossa percepção acerca de sua escrita, mais do que *sobre* o exílio, *em* exílio (OLIVEIRA, 2017, p.10), ao lado da produção de Scliar em intertextualidade com sua própria constituição como judeu. Neste respeito, entendemos a ideia de exílio como um traço identificador do povo judeu e do sujeito ocidental, pelo viés literal, mas também metafórica, simbólica e epistemicamente constituído, pois a história dos grupos e de nosso próprio pensamento herdado/legado pela tradição judaica, com clara influência na tradição cristã, está pautada na ideia da sublimação da eterna busca, da perambulação, na consciência de um porvir que nos mantém exilados do que realmente buscamos/esperamos, quer do ponto de vista de expectativas de vida ou de domínio do conhecimento ou da linguagem e da expressão.

A pesquisadora Berta Waldman realizou estudos sobre ambos os autores e, sobre o escritor, assinala que, na condição de brasileiro, nascido em Porto Alegre, no bairro do Bom Fim, em 23 de março de 1937, e judeu, filho de imigrantes da Europa Oriental, Moacyr Scliar traz para a sua literatura as marcas dessa dupla identidade. Para Waldman, “o que o destaca no contexto da literatura brasileira é o fato de ser ele dos raros escritores a tematizar o fenômeno da imigração judaica no país, particularmente no Rio Grande do Sul” (2003, p. 103). Regina Zilberman amplia essa afirmação, pontuando que “competiu a Moacyr Scliar conferir consistência à temática judaica na literatura brasileira”. É certo que ele não a inaugurou, pois antecedeu-o, no Rio Grande do Sul, Marcos Iolovitch, autor de *Numa clara manhã de abril* (1940), obra e escritor admirados por Scliar, instaurando uma espécie de filiação, mas sobretudo uma herança trabalhada, desenvolvida e ampliada. Numa perspectiva nacional, Samuel Rawet, com *Contos do imigrante* (1956), traduziu, com muita propriedade, “a melancolia e o abandono do indivíduo que chega a nosso país no rescaldo do Holocausto”, obrigado a procurar guarida numa nova pátria após a destruição do mundo que precedeu aos campos de concentração nazistas. Zilberman continua:

Coube, porém, a Scliar propor a representação mais completa e inventiva do tema e da personagem judia, traduzindo seu presente e história, seus traumas e cultura, sua participação na sociedade brasileira e a tradição mítica e simbólica legada à humanidade. Abriu um caminho que facultou o aparecimento de mais de uma geração de criativos ficcionistas, como Bernardo Aizenberg, Bernardo Kucinski, Cíntia Moscovich, Michel Laub, Rafael Bán Jacobsen, Tatiana Salem Levy. E até se pode cogitar que Clarice Lispector só veio a produzir *A hora da estrela*, o romance em que explicita suas afinidades com o judaísmo, após conhecer Moacyr Scliar e ler sua obra. (ZILBERMAN, 2017, p. 10-11)

A leitura mais ampla do conjunto da obra scliariana permite verificar a presença de Clarice Lispector em seus textos. É interessante notar que isso ocorre algumas poucas vezes, em gêneros literários diferenciados: ensaio e crônica. Não foi encontrado nenhum

registro de que Clarice mencionasse Scliar e isso não chega a ser inesperado, visto que ela procurava escamotear as origens de algumas das suas citações. Scliar afirma que Clarice o influenciou, mas nenhum estudioso da obra dele lista a escritora como sendo uma influência para Scliar de modo claramente rastreável. Quanto à Clarice Lispector, não revelou influência ou identificação com autores por sua ascendência judaica, e menos ainda identificou a si mesma como judia. O papel de tornar clara essa relação coube, tanto na vida pessoal como na literatura, à sua irmã mais velha, também escritora, Elisa Lispector. Elisa apresenta elementos importantes da constituição da família Lispector dentro da tradição judaica, bem como usa claramente o termo e a condição de exílio ao utilizar traços de vida, experiência e vivência em sua produção literária, como em *No exílio*, romance publicado em 1948.

O projeto literário de Clarice Lispector, de fato, seguiu outro viés, indicando a mimetização de sua escrita plasmada nos modos de composição da narrativa a cada obra, até a consolidação alcançada no quinto romance, *A paixão segundo G.H.*, em 1964. É interessante observar como a autora vivenciou uma mudança de paradigma ao longo do desenvolvimento de sua escrita literária, e como isso nos permite a aproximação a Scliar. Se, em *A paixão segundo G.H.* já se torna evidente o modo como Lispector redesenha a tradição herdada do judaísmo em sua influência no cristianismo e no imaginário brasileiro, revisitando a seu modo a encenação do sacrifício pelo outro presente na paixão de Cristo, ao escrever os contos encomendados do livro *A via crucis do corpo* (1974), obra que precisou defender da crítica que o considerou como lixo, o corpo e suas exigências e desejos saltam para o primeiro plano mesmo na relação com o sagrado. A via crucis, assim como a paixão, ou paixões, são compartilhadas, retirando-se o elemento sacro para desenvolver a escrita e sua significação no campo do desejo físico, da carne que se sobrepõe ao espírito.

Por outro lado, ao escrever sua última novela, *A hora da estrela*, em 1977, a personagem Macabéa é tanto uma revisitação à tradição judaica e em sua influência na visão de mundo cristã, como um dos títulos oferecidos ao leitor é ‘História lacrimogênica de cordel’; desse modo, Lispector insere personagens marginais de contextos distintos, bem como um gênero literário descentrado, verbalizando, literal e simbolicamente, ‘o direito ao grito’, ou de voz, de novas tendências culturais literárias e de expressão de grupos que também se apropriam de um imaginário, clássico ou popular, e o usa como matéria artística. Nos rastros de Lispector em sua aproximação com Moacyr Scliar, portanto, vemos como arte e artistas ‘migram’ entre os espaços de criação poética, recriam ou inauguram tradições, com especial relevância nestes anos mais recentes de movimentos migratórios e exílicos. A linguagem contemporânea, marcada pelos movimentos e pela inquietação dos grupos, circula artes, autores, obras e leituras, e as formas de ficção e de criação precisam ser analisadas à luz das teorias modernas, literárias e culturais. Moacyr Scliar também faz amplo uso dos textos de uma tradição judaica e cristã para constituir sua literatura. Neste sentido, a relação entre elementos do judaísmo e a literatura se faz

também evidente em Scliar, sobretudo quando se utiliza de personagens e passagens registradas no relato bíblico na composição de sua ficção.

2 | CLARICE LISPECTOR E MOACYR SCLiar: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Se Scliar escreveu sobre o fenômeno da imigração judaica no país, particularmente no Rio Grande do Sul, Clarice também tematizou a imigração dentro do Brasil, como se vê na trajetória da personagem Macabéa, de *A hora da estrela* (1977), que sai de Alagoas para o Rio de Janeiro, tanto em uma espécie de trajetória que retoma a própria vida da escritora, desde sua infância, como o imaginário poético da cidade carioca construído por Lispector. Antes disso, porém, a obra clariceana já estava marcada pelos elementos do bios da autora, e em sua novela, publicada no ano de sua morte, sua escrita plasma a mimetização de autoria e narração, de persona e personagem, quando o narrador Rodrigo S.M. compartilha o trabalho de escritor e a infância no nordeste, redesenhando a mesma trajetória na pobre moça nordestina e datilógrafa. Às voltas com a palavra escrita, a literatura do personagem narrador quase sem público cria e apresenta para o público a personagem miserável que tampouco tem desenvoltura com as letras, apesar do curso de datilografia. Ademais, o próprio espaço lhe é hostil: a cidade do Rio de Janeiro é ‘toda feita contra ela’, como se menciona na novela.

Clarice escreve sobre o Rio de Janeiro, mas não com a mesma intensidade e frequência do que Scliar escreveu sobre Porto Alegre. Isso é reconhecido pela crítica Beatriz Resende, quando afirma que “no decorrer dos anos 1960 será parca a presença de Copacabana em nossa literatura.” “Clarice Lispector deixará que sua sombra – parte dela, a do Leme, em especial – surja por entre as narrativas, como em [fragmentos de] *A paixão segundo GH* (de 1964)” (RESENDE, 2008, p. 51). Scliar chegou a escrever dois livros sobre a capital porto-alegrense: *Porto de histórias: mistérios e crepúsculo de Porto Alegre* e *Histórias de Porto Alegre*. É importante observar que os primeiros livros de Scliar têm os acontecimentos ambientados em seu estado, o Rio Grande do Sul, conforme se verifica em seu primeiro romance, *A guerra no Bom Fim* (1972). Nesse, o enredo se desenvolve no Bom Fim, bairro da infância do escritor gaúcho. A sinopse dessa obra abarca o referido bairro: Joel é o protagonista da obra, que mescla realismo e fantasia. Ele rememora seus tempos de menino judeu, quando vivia nos anos 40 do século XX com a família em Porto Alegre, no bairro Bom Fim, o então coração judaico da capital gaúcha. Outras obras do início da carreira literária de Scliar, também ambientados no Rio Grande do Sul do século XX, são: *Os mistérios de Porto Alegre* (cujo título alude a *Os mistérios de Paris*, de Eugene Sue, e a *Mistérios de Lisboa*, de Castelo Branco), livro constituído de contos e crônicas, datado de 1975 e *A balada do falso Messias* (1976), livro que contém dez contos que falam de homens e mulheres que partilham dos anseios e das tradições judaicas.

Passada a fase dos “romances de Porto Alegre”, o tema para a criação de Scliar

também foi alterado. Para Regina Zilberman (2009, p. 116), o segundo período da cronologia literária de Scliar enfoca a exploração da interface judaísmo-Brasil, abarcando obras como *O centauro no jardim*, *A estranha nação de Rafael Mendes* e *Cenas da vida minúscula*, publicadas entre 1980 e 1991. O terceiro período da cronologia scliariana abrange *A mulher que escreveu a Bíblia*, *Manual da paixão solitária* e *Os vendilhões do Templo*, já que, de acordo com a autora, “desde 1999, [...] passaste [referindo-se a Scliar] a privilegiar personagens sugeridas pela leitura da Bíblia hebraica” (*Ibidem*, p. 116). Comentando a afirmação da crítica literária, o escritor explicita, em entrevista:

[...] a temática bíblica ainda é um mistério para mim próprio. Sou um leitor (literário, não religioso) da Bíblia, acho fantásticas as histórias ali narradas, sobretudo porque estas histórias, por sua síntese, implicam desafios; **há “lacunas” pedindo para serem preenchidas pela ficção**. Mas talvez eu esteja voltando a raízes tão longínquas quanto enigmáticas, tentando descobrir o que, afinal, existe de comum entre as pessoas que nós somos e os personagens bíblicos. Não sei se consigo responder a esta questão, só sei que o texto bíblico é uma fonte de **inspiração**. (ZILBERMAN, 2009, p. 117, grifo nosso)

Embora Clarice Lispector não faça uso claro e evidente de uma tradição religiosa e cultural como influência em sua obra, assim como Scliar, Lispector também se vale da *Bíblia* nas suas construções literárias. Berta Waldman reconhece isso quando constata que na obra clariceana se delinea a presença recorrente de “referência ou citação bíblica”. Segundo a estudiosa, a primeira tentativa é a de atribuir essa forte presença a uma possível educação judaica da artista. Porém, além da presença judaica, verifica-se também “a cristã, além de crenças populares, o que sugere o seu empenho de integração no quadro particular das experiências religiosas brasileiras, marcado pelo sincretismo. Todavia, é certo que a Bíblia lhe serviu de base”. A escritora “justapõe aos preceitos bíblicos elementos originários de outras tradições”, sendo que a presença do Novo Testamento, de traços sincréticos relacionados às práticas religiosas no Brasil, “formam um solo híbrido que impede reduzir esses ecos a uma única fonte, radicando o texto num espaço geográfico (o Brasil) e num tempo definido (a modernidade)” (WALDMAN, 2003, p. 37, 44).

Quanto a Clarice Lispector, esta iniciara sua obra ainda muito jovem, com vinte e dois anos, a partir de um romance que surpreendeu a crítica, e gerou argumentos a favor e outros não tão agradáveis para a autora. Se, por um lado, Álvaro Lins se concentra no aspecto ‘psicológico’ de uma escrita ‘feminina’ que percebe em *Perto do coração selvagem* (publicado em 1943), muito mais seria revelado ao longo de anos de leitura e releitura da obra, o que levou a crítica, de modo geral, a valorizar seu livro de estreia. No *Correio da Manhã* de 11 de fevereiro de 1944, Lins afirmou que estava diante de um romance lírico, expressão que usou como título de sua crítica, e considerou que a escritora em língua portuguesa tinha se aproximado da escrita de um lirismo unido ao realismo, no qual o sentimento poético se conjugava com a capacidade de observação aguda do mundo,

chegando mesmo a ser pungente e cruel. Em muitos aspectos, traços biográficos podem ser rastreados na escrita do romance, como matéria ficcional, assim como Scliar comentou ao dizer que “todo autor é autobiográfico quando começa” (ZILBERMAN, 2009, p. 117).

Clarice Lispector desenvolveu sua escrita através da experimentação com o texto, com a linguagem, com a construção do modo de narrar e dos pontos de vista do narrador, como se percebe na leitura de *Perto do coração selvagem*, *A cidade sitiada*, *A maçã no escuro* e *A paixão segundo GH*, com seus estilos distintos de construção narrativa. Embora rompesse com padrões tradicionais acerca do romance entre os anos de 1940 e 1970, no Brasil, é configurada como um aprofundamento de questões e temas clássicos acerca do imaginário humano, abarcando angústias, desejos, a intensidade da incomunicabilidade e a própria percepção acerca dos aspectos de humanidade. *A paixão segundo GH*, por exemplo, demonstra a dimensão da (in)compreensão do gênero humano e seu esforço de superação, algo já ensaiado com Virgínia e seu entorno familiar, em *O lustre*; com Lucrecia e a sua inserção ou falta de inserção na cidade de S. Geraldo, em *A cidade sitiada*; e, também com Martim, em sua luta com a escrita, em *A maçã no escuro*. De fato, em *A maçã no escuro* há muitos elementos que podem ser relacionados com o registro dos primeiros livros bíblicos do Antigo Testamento, como a provisão de uma cidade de refúgio para onde um assassino não intencional poderia fugir. Martim é esse homem em fuga por um suposto crime, perseguido por uma espécie de vingador que o fará cumprir sua sentença, como vemos ao final da narrativa (OLIVEIRA, 2017).

Estes aspectos descrevem todos os personagens destacados como marginais, exercendo alguma forma de protagonismo periférico, apesar da aparente incongruência da expressão. De fato, como personagens, são centrais na narrativa, mas sua posição é, na construção do texto ficcional, a mimetização do deslocamento e da marginalidade. Sem dúvida, Macabéa, na novela de 1977, é a culminância desse processo mimético, redesenhando na construção ficcional uma diáspora criadora, simbólica, fadada à errância, enquanto a escritora buscava ampliar sua forma de expressão e de criação textual. É neste aspecto que Lispector vivenciou uma mudança de paradigma em seu projeto literário, ao escrever os contos encomendados do livro *A via crucis do corpo* (1974), obra que precisou defender da crítica que o considerou como lixo. De fato, outras formas de escritura se interpõem ao longo de sua vida, como as colunas – tão distintas – em jornais, mas não convém analisá-las aqui, pois o interesse está concentrado em seu fazer ficcional em obras cujo gênero se alinha à ficção. Assim, *A via crucis do corpo* é um marco pelos aspectos da encomenda do livro e pela reação da própria escritora ao aceitar a demanda, produzir os contos e, posteriormente, defendê-los. Na revista *Veja*, em julho de 1974, foi publicada uma crítica que afirmava o que livro era “lixo, sim: lançamento inútil”.

Clarice inicia sua obra com citações, próprias e de outros textos, como os Salmos, e de alguém que afirma não saber quem é; faz, portanto, um certo jogo entre mitos sagrados e profanos acerca da relação da espécie humana com as possibilidades do corpo. O corpo

é o tema, quase como entidade, como território; o corpo apreendido na compreensão de sua espacialidade. Assim, cita: “a minha alma está quebrantada pelo teu desejo. Salmos 119:12”. E, em seguida: “eu, que entendo o corpo. E suas cruéis exigências. Sempre conheci o corpo. O seu vórtice estonteante. O corpo grave.” (personagem meu ainda sem nome)” (LISPECTOR, 1998, pg. 8). Há, ainda, uma citação ao livro Lamentações de Jeremias: “por essas cousas eu ando chorando. Os meus olhos destilam águas”, bem como um “Salmo de David”: “E bendiga toda a carne o seu santo nome para todo o sempre” (LISPECTOR, 1998, pg. 8).

Após o sumário com os títulos dos 13 contos, a autora inseriu uma “Explicação”:

O poeta Álvaro Pacheco, meu editor na Artenova, me encomendou três histórias que, disse ele, realmente aconteceram. Os fatos eu tinha, faltava a imaginação. E era assunto perigoso. Respondi-lhe que não sabia fazer história de encomenda. Mas – enquanto ele me falava ao telefone – eu já sentia nascer em mim a inspiração. (LISPECTOR, 1998, p. 10)

Assim, Clarice Lispector confrontou-se com uma demanda da época que colocou em sua perspectiva o imaginário popular contemporâneo. Os fatos, reais, dariam a base para a ficcionalização, agregados de sua inspiração e imaginação. Seria uma literatura marginal, cujos temas aparentemente destoariam de sua poética de exílio em construção, e em suspenso, desde suas obras dos anos 1950 (OLIVEIRA, 2017). No entanto, esse olhar criador iria ser deslocado para a margem, para o até certo ponto ignorado, mas que agora seria tema de alguns contos. A escritora, portanto, descreve o processo de escrita nesta “Explicação”:

Eu mesma espantada. As histórias deste livro são contundentes. E quem mais sofreu fui eu mesma. Fiquei chocada com a realidade (...) Vão me jogar pedras. Pouco importa. Não sou de brincadeiras, sou mulher séria. Além do mais, tratava-se de um desafio. (LISPECTOR, 1998, p. 10)

De fato, os contos produzidos ‘sob encomenda’ retomam elementos de uma cultura cristã e do conhecimento que Clarice Lispector tinha acerca da parte hebraica da Bíblia, conhecida como Antigo (ou Velho) Testamento. O conto Via crucis é a reescrita do mito da sagrada família pautada no corpo carnal, sem anunciação divina, apenas o espanto da personagem, Maria das Dores, do marido e da médica ginecologista que “diagnosticou uma evidente gravidez” (LISPECTOR, 1998, p. 28). Após tomar um café para se acalmar, Maria das Dores, cujo nome é emblemático, se convence de que teria um “filho divino” e que “fora escolhida por Deus para dar ao mundo o novo messias” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Mas esse “Jesus vigoroso”, um “feto dinâmico” que lhe dava “violentos pontapés” (LISPECTOR, 1998, p. 29), torna-se fonte de preocupação para a mãe que não deseja que o filho sofra, e faz escolhas em seu benefício: “que posso fazer para que meu filho não siga a via crucis?” (LISPECTOR, 1998, p. 29). Assim, a perspectiva da narrativa se concentra na mulher que deseja reescrever a história de seu filho, ignorando a encenação

de uma narrativa sagrada que deveria repetir. Clarice Lispector se permite transgredir um relato bíblico redimensionando o corpo feminino dador da vida: apesar de conhecer a história e entender o relato de um possível enviado para morrer por outros, Maria das Dores tem dúvidas: “Mas parecia-lhe que se desse à criança o nome de Jesus, ele seria, quando homem, crucificado. Era melhor dar-lhe o nome de Emmanuel. Nome simples. Nome bom” (LISPECTOR, 1998, p. 30). Ao final, as frases que indicam o nascimento da criança refletem claramente o livre trabalho poético a partir do texto narrativo bíblico. Não interessa acompanhar a trajetória pessoal do menino, ou qualquer sacrifício dos pais. O resultado é incerto: “não se sabe se essa criança teve que passar pela via crucis”, relata o narrador para, em seguida, retirar qualquer singularidade deste suposto evento miraculoso, transformando a história de um, por mais peculiar e cercada de mistério que seja, na história de todos: “todos passam” (LISPECTOR, 1998, p. 33).

Por outro lado, ao escrever sua última novela, *A hora da estrela*, em 1977, um dos títulos oferecidos ao leitor é ‘História lacrimogênica de cordel’; desse modo, Lispector insere personagens marginais de contextos distintos, bem como um gênero literário descentrado, verbalizando, literal e simbolicamente, ‘o direito ao grito’, ou de voz, de novas tendências culturais literárias e de expressão de grupos que também se apropriam de um imaginário, clássico, sagrado ou popular, e o usa como matéria artística para colocar sob novas perspectivas e novas formas de apreciação. Macabéa também personifica uma coletividade em seu nome, os macabeus, grupo que resistiu à invasão helenística e procurou restabelecer o judaísmo no território do povo hebreu. Entretanto, a personagem de *A hora da estrela* se difere da resistência consciente e organizada, vivendo em sua miséria literal e metafórica, ausente da luta impossível.

Scliar retoma a trajetória da personagem Macabéa em seu livro *Saturno nos trópicos*: a melancolia europeia chega ao Brasil. Nessas reflexões, ele menciona que “Clarice era judia, o que fornecia um elemento adicional à sua condição de estrangeira”.

Uma condição difícil mas, até certo ponto, privilegiada. O estranho, aquele que vem de fora, percebe, na estrutura social, coisas que os nativos não vêem: fissuras, rachas, “os poros da sociedade” de que falava Marx (onde, ainda segundo Marx, os judeus se introduziam). (...) Desde os primeiros textos Clarice mostrou soberbo domínio da palavra. Seus contos, crônicas e romances fascinavam uma imensa legião de leitores. Na sua literatura não encontramos personagens judaicos, (...) Em Clarice o judaísmo está presente não nas linhas, mas nas entrelinhas — por exemplo, no melancólico, e tipicamente judaico, humor de seus textos. (SCLIAR, 2003, p. 238-239)

Scliar não menciona Clarice nos seus contos, romances. Mas, quando se investiga a presença clariciana nos textos de Scliar, ela é verificada no livro de ensaios *Saturno nos trópicos* e em crônicas do escritor. Na literatura dedicada ao público infanto-juvenil, Scliar poderia ter produzido algum livro mencionando Clarice, já que ele escreveu *Ataque do Comando P. Q.* (2001), *Ciumento de carteirinha* (2006), *O mistério da casa verde* (2000), *O*

menino e o bruxo (2007), *Câmera na mão*, *O guarani no coração* (1998), *O irmão que veio de longe* (2002), *O amigo de Castro Alves* (2005) e *O sertão vai virar mar* (2002), nos quais Scliar dialoga diretamente com obras de Machado de Assis, José de Alencar, Castro Alves e Euclides da Cunha. Cabe então a pergunta: se Scliar não tinha tanta admiração pelo trabalho de Clarice, por que não dedicou um livro infanto-juvenil dessa “série” dialogando com Lispector? Talvez porque Scliar sentiu dificuldade de transpor para o público infanto-juvenil textos com as características clariceanas.

O livro *O texto, ou: a vida: uma trajetória literária*, pode ser visto como um ensaio que também se assemelha a uma espécie de autobiografia de Scliar. Nessa publicação, ele conta fatos da sua carreira de escritor. Lá ele enumera os escritores brasileiros por quais seu trabalho literário foi influenciado. Estão nessa lista Erico Veríssimo e Monteiro Lobato. Nessa obra, o escritor gaúcho comenta que conheceu a obra de Clarice Lispector por intermédio de seu primo, o artista plástico Carlos Scliar (1920-2001):

Carlos, a propósito, foi das pessoas que mais me motivaram para a literatura em geral. Criticava meus textos com rigor implacável, ainda que amistoso, e orientava-me inclusive no que ler. Foi ele quem me introduziu a Clarice Lispector (1925-1977), lendo-me o conto *Uma galinha*, publicado na revista *Senhor*, da qual Carlos era editor de arte. Ouvi-o boquiaberto. Eu era garoto ainda, mas já estava escrevendo meus textos e, sobretudo, lendo bastante. Mas aquele texto... Deus, aquele texto era algo. Eu não imaginava que alguém pudesse escrever tão bem, e com tamanha profundidade. Desde aquele dia não mais deixei de ler Clarice Lispector, que, aliás, era judia, nascida na Ucrânia, embora se declarasse brasileira. O mesmo fazia, também, minha mãe. Deu-me o nome de Moacyr, uma homenagem talvez a José de Alencar (1829-1877), mas, principalmente, um nome brasileiro – melhor ainda, indígena. (SCLIAR, 2007, p. 39-40)

No ensaio intitulado *Entre Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil* (2000), por Moacyr Scliar e Márcio Souza, Scliar afirma: “Não acredito que alguém possa ser indiferente ao seu judaísmo, nem mesmo num país como o Brasil, em que identidades frequentemente se desfazem naquilo que é chamado de geleia geral”, ou seja, “a marca judaica pode tornar-se tênue, mas não se desfaz” (SCLIAR, 2000, p. 26-27). Então comenta:

Lembro a propósito essa grande escritora que foi Clarice Lispector (1925-77). Emigrante da Rússia, como meus pais, ela pouco falava de seu judaísmo – talvez por ter sido casada com um diplomata em uma época em que a fina estirpe era *de rigueur* no serviço diplomático brasileiro. Mais que isto, em sua admirável literatura, a temática judaica prima pela ausência. E no entanto não falta em suas obras um componente judaico, representado principalmente pelo melancólico humor, e por aquela sensação de desenraizamento, de marginalização. Em seu derradeiro livro, *A hora da estrela*, a personagem principal, chamada Macabéa, é o protótipo da mulher perseguida, humilhada; nela se somam a condição feminina e a condição judaica. Numa conversa pessoal, Clarice falou-me, com certa tristeza, de sua admiração pelos escritores que podiam assumir o seu judaísmo. (SCLIAR, 2000, p. 26-27)

Como judeu e filho de imigrantes, Moacyr Scliar tinha plena consciência “do papel

da ambiguidade judaica. Adotar uma pátria era a principal tarefa, adaptar-se aos costumes e à história da nova terra, mas também tinha plena consciência política de uma história passada que jamais poderia ser desprezada” (SCLIAR, 2012, p. 42, 44). Consegue verificar a influência em Clarice Lispector, e aponta tal questão, mas o fato é que a autora não tratou abertamente desta herança, diferentemente da irmã, Elisa, e o fez de modo consciente e de pleno acordo com o direcionamento que quis dar à sua literatura.

Sem dúvida, muito ainda se pode tratar acerca da aproximação estética e literária possível no conjunto da produção de Moacyr Scliar e de Clarice Lispector. Da aceitação e pleno uso dos elementos do judaísmo na escrita, vista no escritor gaúcho, ou em seu apagamento, deixando apenas transparecer traços que podem ser rastreados, em Clarice, o diálogo é rico e instigante. Ler ambos implica em aceitar o convite para um aprofundamento de questões e temas clássicos acerca do imaginário humano a partir de seus mitos fundadores, das heranças e tradições que podem ser revisitadas e revistas, redimensionando nossa compreensão. No recorte realizado, colocamos em foco aspectos de judeidade presente em Lispector, destacando o lugar privilegiado da produção literária da autora nas letras brasileiras do mesmo modo como Moacyr Scliar alcançou projeção com seus textos, em intertextualidade com sua própria constituição como judeu.

Os projetos literários de Clarice e de Scliar permanecem inconclusos, pois a morte interrompeu a trajetória que sua literatura, cada um a seu modo, empreendia. Não foi possível aos autores escrever e publicar todos os textos que ansiavam, que aguardavam, que buscavam. A linguagem, incontornável, sempre lhes escapava ao domínio completo e complexo, mas ambos seguiam em seu encaicho, em busca da palavra exilada que resultaria na expressão cada mais certa do imaginário contemporâneo, dialogando diretamente com cada novo – ou de novo – leitor. Nossa proposta não se encerra na necessidade de encerrar estas linhas, mas se projeta para outras, múltiplas e diversas, leituras e (re)visitações dos autores e de suas obras.

REFERÊNCIAS

FISCHER, Luís Augusto (Org.). **Moacyr Scliar**. São Paulo: Global, 2004. (Coleção Melhores Crônicas / Direção Edla van Steen)

HANCIAU, Nubia. Moacyr Scliar e a crônica. In: BERND, Zilá; MOREIRA, Maria Eunice; MELLO, Ana Maria Lisboa de (Orgs). **Tributo a Moacyr Scliar**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2012. p. 111-125.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

OLIVEIRA, Marta Francisco de. **Que quer dizer cultura? Uma leitura de A hora da estrela, de Clarice Lispector**. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

_____. **Clarice Lispector: a poética de um (in)certo exílio**. Campo Grande: Life Editora, 2017.

_____. Um relato sobre a margem: a literatura lispectoriana entre a ficção e a realidade do exílio. In: **Revista Rascunhos Culturais**. Campo Grande, Editora UFMS. Vol. 7, 2017, p. 41-54.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Biblioteca Nacional, 2008.

SCLIAR, Moacyr. **Manual da paixão solitária**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Os vendilhões do templo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Porto de histórias: mistérios e crepúsculo de Porto Alegre**. Rio de Janeiro: Record, 2000. (Coleção Metrôpoles)

_____. **Saturno nos trópicos: a melancolia européia chega ao Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. ; SOUZA, Márcio. **Entre Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SZKLO, Gilda Salem. **O bom fim do shtetl: Moacyr Scliar**. São Paulo: Perspectiva, 1990. (Debates; v. 231)

WALDMAN, Berta. **Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea**. São Paulo: Perspectiva; FAPESP: Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003. (Estudos; 191)

ZILBERMAN, Regina (Org.). **A poesia das coisas simples: crônicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ZILBERMAN, Regina. O olhar mágico de Moacyr Scliar. In: SCLIAR, Moacyr. **A nossa frágil condição humana: crônicas judaicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 9-21.

ZILBERMAN, Regina. Moacyr Scliar: a vida é a obra. In: SCLIAR, Moacyr. **A guerra no Bom Fim**. Porto Alegre: L&PM, 2013a. p. 7-16.

CAPÍTULO 2

TERMOS ORACIONAIS E ARQUÉTIPOS CONCEPTUAIS: UMA ANÁLISE CONTRASTIVA DE CONCEITOS DAS GRAMÁTICAS NORMATIVA, DESCRITIVA E COGNITIVISTA

Data de aceite: 01/08/2022

Data de submissão: 06/06/2022

Daniel Felix da Costa Júnior

Doutor em Estudos de Linguagem – UFF
Grupo de Estudos da Metáfora (GESTUM –
UFF)

Secretaria Municipal de Educação (SME- Rio)
Rio de Janeiro - RJ
<https://orcid.org/0000-0002-8374-8836>

RESUMO: São múltiplas as opções de gramática disponíveis no cenário atual, e são igualmente múltiplas as maneiras de tratar os termos oracionais em cada proposta. O objetivo deste artigo é o de viabilizar um comparativo dos conceitos que circulam atualmente em alguns campos dos estudos linguísticos. Para tal, comparam-se três modelos gramaticais com suas respectivas finalidades, ôntica, deôntica e cognitiva. A análise fundamenta-se em abordagem qualitativa, delimitada por um *corpus* de seis gramáticas dos seguintes autores: Rocha Lima (2011), Cunha e Cintra (2004), Bechara (2010 e 2015), Perini (2005) e Langacker (2008). Mediante análise contrastiva, nota-se que as principais discordâncias se referem ao caráter explícito e não explícito do sujeito, bem como à dissolução terminológica dos predicados verbal, nominal e verbonominal. Os quadros apresentados indicam que a *Breve gramática do português contemporâneo* e a *Gramática normativa da língua portuguesa* estão mais próximas entre si do que das gramáticas de teor

descritivo; a *Moderna gramática portuguesa*, de viés híbrido, é a obra que mais se aproximou dos pontos adotados na *Gramática descritiva do português*; e a *Cognitive grammar*, foi a gramática que menos se assemelhou aos demais tratados, devido a sua ênfase nos processos mentais. Contrastes como este, entre gramáticas distintas, favorecem o entendimento dos termos e tendem a promover reinterpretações mútuas.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática. Cognição. Termos oracionais; Arquétipos conceptuais.

CLAUSE TERMS AND CONCEPTUAL ARCHETYPES: A CONTRASTIVE ANALYSIS OF SOME CONCEPTS IN NORMATIVE, DESCRIPTIVE AND COGNITIVE GRAMMARS

ABSTRACT: There are multiple grammar options available in the current scenario, and there are also multiple ways of dealing with clause terms in each proposal. This article aims to enable a comparison of the concepts that currently circulate in some fields of linguistic studies. Thus, three grammatical models are compared with their respective purposes: ontic, deontic and cognitive. The analysis is based on a qualitative approach, delimited by a corpus of six grammars by the following authors: Rocha Lima (2011), Cunha and Cintra (2004), Bechara (2010 and 2015), Perini (2005) and Langacker (2008). Through contrastive analysis, it is noted that the main disagreements refer to the explicit and non-explicit character of the subject, as well as the terminological dissolution of the verbal, nominal and verb-nominal predicates. The tables presented indicate that *Breve gramática do*

português contemporâneo and *Gramática normativa da língua portuguesa* are closer to each other than to the grammars with a descriptive characteristic; *Moderna gramática portuguesa*, with a hybrid approach, is the work that most closely approximates the points adopted in the *Gramática descritiva do português*; and *Cognitive grammar* was the grammar that was least similar to the other books, due to its emphasis on mental processes. Contrasts like this, between different grammars, favor the understanding of terms, in addition to promoting mutual reinterpretations.

KEYWORDS: Grammar. Cognition. Clause terms. Conceptual archetypes.

1 | INTRODUÇÃO

Há uma aparente simplicidade no rótulo que abarca os “termos essenciais da oração”, pois a categorização dos componentes promoveria o desembaraço de uma nomenclatura considerada basilar na análise da sentença. Tais termos apresentam simplicidade até que se lhes cheguem os fenômenos, em cujos momentos desvelam-se as variações terminológicas, aquelas em que os diversos gramaticistas divergem.

Inicialmente, importa perceber que, caso a tarefa terminológica fosse uma simples diligência, não teria havido a necessidade de uma unificação, como a que fora promovida pela *Nomenclatura gramatical brasileira* (NBG), ao final dos anos 1950. Mesmo que projetos de unificação sejam louváveis do ponto de vista pedagógico-normativo, este artigo não vislumbra tal propósito. O propósito destas linhas é apenas o de viabilizar um comparativo dos conceitos que circulam atualmente em alguns campos dos estudos linguísticos. Para isso, parte-se de três modelos gramaticais considerados adequados ao que se lhes propõe: seus fins ôntico, deôntico e cognitivo.

A despeito de algumas divergências lexicais permanecerem no mesmo campo semântico, precipita-se, a título de prelúdio, a maneira como o tema diverge em distintos autores: Cunha e Cintra (2004, p. 89) descrevem o dualismo das partes oracionais como “termos essenciais”; Rocha Lima (2011, p. 288) menciona as mesmas partes tratando-as por “termos básicos”; Perini (2005, p. 68) chama-os de “constituintes imediatos”. Grande parte dessas dissonâncias deve-se à adequação do termo “essencial” às abordagens dos componentes sujeito e predicado, uma utilização que forneceria o mesmo nível de equiparação às subpartes oracionais. É nesse contexto que se insere o presente trabalho, traçando-se por fornecer uma análise contrastiva das abordagens dos conceitos de sujeito e predicado.

Antes de chegar às conclusões, este artigo divide-se em dois grandes blocos: um que compara os conceitos de “termos essenciais” e outro que fornece uma visão cognitivista da organização oracional, neles há seções específicas para as tipologias de sujeito, de predicado e de arquétipos conceptuais.

1.1 Metodologia e *corpus*

O caráter comparativo desta pesquisa confere-lhe traços historiográficos, como um quadro momentâneo de registros escritos da ciência linguística. Devido a isso, a abordagem qualitativa é estritamente bibliográfica, une a interpretação textual à análise de um *corpus* bem delimitado de obras publicadas. As sentenças de exemplificação, enumeradas, baseiam-se em método introspectivo, utilizado por diversos linguistas de áreas mentalistas/cognitivistas (CHOMSKY, 1962; LANGACKER, 2008; TALMY, 2007).

A respeito das obras que compõem o *corpus*, esclarecem-se os seguintes critérios de seleção: a) reconhecimento acadêmico do autor; b) legitimação institucional da obra; c) existência de capítulo ou seção que trate especificamente da estrutura oracional – este delimita a área do livro levada em consideração na análise, esse reflete a abrangência de menções à obra, e aquele dimensiona os autores nos meios acadêmicos e noutras esferas sociais.

Importa, além disso, compreender a distinção pela qual as obras do *corpus* são segmentadas em: gramática normativa, gramática descritiva e gramática cognitivista. A diferença primordial entre os tipos de gramática está no eixo de finalidade a que se comprometem, quase sempre pedagógica ou científica. A gramática descritiva é de caráter científico, “[...] registra e descreve um sistema linguístico homogêneo [...] segundo um modelo teórico escolhido para descrição” (BECHARA, 2010, p. 14), como complemento, a gramática cognitivista poderia ser considerada um subtipo do modelo descritivo. Por outro lado, a gramática normativa possui caráter pedagógico, preocupando-se com modelos “[...] da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social” (BECHARA, 2010, p. 14).

Nesse sentido, as obras, aqui consultadas, que possuem um viés normativo-tradicional são: a de Rocha Lima (2011) e a de Cunha e Cintra (2004); a que possui um viés normativo, mas com algumas menções à descrição científica, é a de Bechara (2010); a gramática de Bechara (2015) possui um caráter híbrido, tendo um viés normativo e descritivo; a obra que possui um viés descritivo-científico é a de Perini (2005), com abordagem próxima ao gerativismo; e a obra com abordagem cognitivista é a gramática de Langacker (2008), conforme apresenta o Quadro 1.

Título da obra	Abreviatura	Autoria	Viés
<i>Gramática normativa da língua portuguesa</i>	GNLP	Rocha Lima (2011)	Normativo
<i>Breve gramática do português contemporâneo</i>	BGPC	Cunha e Cintra (2004)	Normativo
<i>Gramática escolar da língua portuguesa</i>	GELP	Bechara (2010)	Normativo
<i>Moderna gramática portuguesa</i>	MGP	Bechara (2015)	Normativo e Descritivo
<i>Gramática descritiva do português</i>	GDP	Perini (2005)	Descritivo
<i>Cognitive Grammar</i>	CG	Langacker (2008)	Cognitivista

Quadro 1 – Corpus da pesquisa bibliográfica

Fonte: elaboração própria

2 | OS TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

É frequente, no ensino básico, a indicação de que a oração conste de dois termos essenciais. Assim, duas gramáticas apresentam definições percebidas como “tradicionais” a esse respeito: a GNLP esclarece que o sujeito é “o ser de quem se diz algo” e o predicado é “aquilo que se diz do sujeito” (ROCHA LIMA, 2011, p. 288); na BGPC, o sujeito “é o ser sobre o qual se faz uma declaração” e o predicado é “tudo aquilo que se diz do sujeito” (CUNHA; CINTRA, 2004, p. 89). Há, no entanto, outras definições que tornam mais complexo o entendimento dos termos.

Ao tratar do sujeito e do predicado, a gramática GELP não inicia a explanação equiparando os dois termos na essencialidade da oração, tal qual fossem de igual valor, mas dá ao predicado o papel da centralidade oracional fornecida pelo verbo. Insiste que a “[...] natureza semântica (de significado) e sintática (de relação gramatical) determinará se a predicação da oração é referida a um sujeito, ou não” (BECHARA, 2010, p. 15), e o termo referente dessa predicação é chamado sujeito. Noutra gramática do mesmo autor, a MGP, o sujeito é visto como “[...] unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração” (BECHARA, 2015, p. 427).

Voltando-se para a GDP, vê-se que os sintagmas representam os grandes constituintes que são considerados “constituintes imediatos da oração” (PERINI, 2005, p. 68), isso significa que os sintagmas assumem a função de sujeito, predicado e objeto. Como cada sintagma pode ser analisado em sua estrutura sintática interna, os constituintes imediatos são aqueles que, numa árvore sintática, “[...] aparecem imediatamente abaixo do nóculo correspondente à oração [...] representam, por assim dizer, o primeiro corte realizado na estrutura oracional” (PERINI, 2005, p. 71). Nesse caso, sujeito é “[...] o termo

da oração que está em relação de concordância com o NdP [núcleo do predicado]” (PERINI, 2005, p. 77).

Os conceitos supramencionados podem ser avaliados, se comparados mediante síntese apresentada no Quadro 2.

Gramática	Sujeito	Predicado	Essencialidade do par sujeito/predicado
GMLP Rocha Lima	O ser de quem se diz algo	Aquilo que se diz do sujeito	Sim
BGPC Cunha e Cintra	O ser sobre o qual se faz uma declaração	Tudo aquilo que se diz do sujeito	Sim
GELP Bechara	O termo referente da predicação	Referência indicada pela natureza semântica e sintática de um verbo	Não * ênfase no predicado
MGP Bechara	Sintagma nominal que estabelece relação predicativa com o núcleo verbal	Referência indicada pela natureza semântica e sintática de um verbo	Sim (parcialmente) * o par orienta a relação predicativa constituída como “favorita” na LP
GDP Perini	O termo da oração que está em relação de concordância com o núcleo do predicado	Função assumida por um dos constituintes imediatos, sendo composta unicamente pelo verbo, ou por sua forma perifrástica	Não * Os sintagmas que são tratados como essenciais, não o par suj./pred.

Quadro 2 – Sujeito, predicado e essencialidade do par

Fonte: elaboração própria

2.1 Taxonomia do sujeito

Para estudantes do ensino básico, o que realmente importa é saber localizar o sujeito na frase e ser capaz de concordá-lo com o verbo que se lhe dirige, assim seria o ensino de gramática com proposta funcional. No entanto, as gramáticas oferecem uma gama de classificações que não necessariamente ensinam a usar a língua, mas sim a categorizá-la. Obviamente, os fins de cada uma das gramáticas que temos acesso possuem alguma validade. Veja-se a seguir.

A GMLP de Rocha Lima (2011) indica que o sujeito é expresso por um substantivo, ou equivalente. O substantivo representa o núcleo do sujeito e pode ser representado por mais do que apenas um núcleo. Posicionamento semelhante é o de Cunha e Cintra (2004), em que o substantivo é o núcleo do sintagma nominal e que podem ocorrer diversos sintagmas nominais na oração, mas apenas um deles é considerado o sujeito. A GELP de Bechara (2010) indica que a predicação pode ser referida ou não referida; caso seja referida, o sujeito pode apresentar um núcleo. Nesse sentido, estes três últimos compêndios concordam com os conceitos de *sujeito simples*, como detentor de único núcleo, e de *sujeito*

composto, como detentor de mais de um núcleo. Sob o mesmo ponto, a MGP abstém-se da nomenclatura usual e utiliza o termo “explicitação léxica” para indicar que esses sujeitos se prestam a “um melhor conhecimento da mensagem veiculada no texto” (BECHARA, 2015, p. 427). Estão explícitos lexicalmente os sujeitos a seguir, em (1) há apenas um núcleo de sujeito, em (2) os núcleos compartilham a importância dividindo-se em dois representantes.

(1) Os *reis* magos trouxeram-lhe presentes.

(2) A *justiça* de Ogum e a *furtura* de Oxóssi são conceitos sacros.

O *sujeito oculto* é o termo usado na nomenclatura gramatical para referir-se ao sujeito que é identificável na oração, mas que não está expresso lexicalmente (CUNHA; CINTRA, 2004, p. 93). Este é o tipo de sujeito que apresenta mais variações de títulos: para a BGPC o sujeito é “oculto ou determinado”; para Rocha Lima (2011), “determinado”. Bechara (2010 e 2015) não o menciona diretamente na seção sobre sujeito, mas o faz indiretamente ao contrastar o caráter explícito e implícito dos sujeitos. Um fato divergente, para o senso comum de pessoas letradas, seria a postura adotada por Perini (2005): a de que uma oração, como a expressa na sentença (3), deva ser analisada como uma “oração sem sujeito” e não como “oculto”.

(3) Desfiz as malas.

Tal postura é coerente com sua definição de sujeito, sendo esse o termo que concorda com o núcleo do predicado. Trata-se, pois, de uma visão exclusivamente sintática, já que sintaticamente o sujeito oculto equivale à oração sem sujeito – não há nele sintagma que concorde com o verbo, sua identificação é semântica e/ou morfológica: “[...] oração sem sujeito envolve certas noções semânticas, [...] lembremo-nos que (70) é uma oração sem sujeito, já que não existe nenhum termo explícito que esteja em relação de concordância com o verbo” (PERINI, 2005, p. 78).

Dois exemplares seguem a ordem tradicional da tipologia do sujeito, GNLP e BGPC, posicionando as descrições do sujeito indeterminado e da oração sem sujeito logo após os três tipos mencionados nos parágrafos anteriores. O *sujeito é indeterminado* quando “[...] o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento” (CUNHA; CINTRA, 2004, p. 94). Ao falar sobre este tipo de sujeito, Rocha Lima (2004, p. 289) separa um padrão de análise específico para a determinação, pelo qual todos os sujeitos identificáveis são considerados *determinados* (o simples, o composto e o oculto), enquanto os sujeitos não identificáveis (embora existentes) são considerados *indeterminados*.

Bechara, em seus dois trabalhos (2010, 2015), subverte parcialmente essa cronologia tipológica ao aproximar o sujeito inexistente e o sujeito indeterminado. Na GELP, a oração sem sujeito é descrita antes do sujeito indeterminado, quase como se dissesse que os dois tipos possuem algum fator de semelhança. Na MGP, o sujeito indeterminado e a oração sem sujeito nem chegam a ser descrita na seção “sujeito e predicado” (BECHARA, 2015,

p. 427-479), mas sim na seção dedicada ao tema “oração e frase” (p. 423-427), dando a entender que os dois tipos são uma questão mais pertinente à ideia de “oração” do que ao papel sintático de “sujeito”. Abstraindo-nos das minúcias logísticas, as quatro gramáticas, recém mencionadas, concordam que a indeterminação ocorre com a presença de um verbo em terceira pessoa do plural ou de um verbo em terceira pessoa do singular acrescido de “-se”. Nesse sentido, a GDP de Perini (2005) é a única gramática que não descreve o sujeito indeterminado pela presença da terceira pessoa verbal, repete-se o mesmo procedimento dado ao sujeito oculto, o de tratá-lo como uma oração sem sujeito (Quadro 3).

Gramática	Uso dos termos “simples” e “composto”	Uso do termo “oculto”	Uso do termo “indeterminado”
GNLP	Sim * ou “determinado explicitamente”	Não * usa o termo “deter-minado implicitamente”	Sim
BGPC	Sim	Sim * ou “determinado”	Sim
GELP	Sim	Não * menciona o caráter explícito/ implícito	Sim
MGP	Não * uso do termo “expi-citação léxica”	Não * menciona o caráter explícito/ implícito	Sim
GDP	Não * especifica como Sintagma Nominal de traço [+CV]	Não * o sujeito oculto é tratado como “oração sem sujeito”	Não * sintaticamente equivale à “oração sem sujeito”

Quadro 3 – Nomenclatura de categorização do sujeito

Fonte: elaboração própria

A *oração sem sujeito* possui a característica do verbo impessoal e é percebida ao “[...] referirmo-nos ao processo verbal em si mesmo, sem o atribuímos a nenhum ser” (ROCHA LIMA, 2011, p. 289). Os gramáticos mais tradicionais indicam não haver nela uma “atitude psicológica”, ou semântica, de esconder o sujeito, como ocorre com alguns tipos indeterminados (ROCHA LIMA, 2011; CUNHA; CINTRA, 2004). As gramáticas normativas deste estudo concordam que a principal característica da impessoalidade está nos verbos e expressões que denotam fenômenos da natureza e nos verbos “haver, fazer e ser” empregados impessoalmente (sentenças 4.a e 4.b).

- (4) a. *Faz calor em demasia hoje.*
b. *Trovejou durante toda a noite.*

- (5) *Basta de crimes!*

Bechara (2010 e 2015) consegue ser mais abrangente ao incluir expressões específicas de impessoalidade, sentença (5), como “basta/chega + *de*” (ideia de suficiência);

“ir + de”, “vir + por ou a”, “andar por ou a”, “passar + de” (ideia de tempo); e “tratar-se + de”. Para Perini (2005, p. 77-79), a oração é sem sujeito quando não apresenta um sintagma nominal de valor [+CV], nessa característica, são incluídas tanto o sujeito oculto, o indeterminado quanto o inexistente, todos eles podendo apresentar a combinação NdP + SN[-CV], ou apenas o NdP.

2.2 Taxonomia do predicado

A composição do predicado apresenta longos pormenores de descrição. Devido ao escopo reduzido deste artigo, enfocaremos uma classificação mais superficial e geral sobre a abordagem fornecida nos livros de gramática. A classificação mais comum no cotidiano escolar é apresentada pelas normativas de Rocha Lima e de Cunha e Cintra, na qual o predicado pode ser: nominal, verbal ou verbonominal. O *predicado nominal* é formado por “verbo de ligação + predicativo”: o verbo de ligação serve “[...] para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de carácter nominal” (CUNHA; CINTRA, 2004, p. 98); já o predicativo é uma forma nominal, geralmente um adjetivo (ou termo na função de adjetivo) que “[...] é, na realidade, o predicado; mas, pelos seus caracteres de forma e posição, recebe particularmente o título de *nome predicativo*, ou, apenas – *predicativo*” (ROCHA LIMA, 2011, p. 293, grifos no original).

Para Rocha Lima (2011, p. 293), o *predicado verbal* exprime um fato, um acontecimento, ou uma ação, seu núcleo é um verbo, que pode ou não ser acompanhado de outros elementos. O verbo, no núcleo do predicado verbal, é denominado, por Cunha e Cintra (2004, p. 100), um “verbo significativo” – pois trazem uma ideia nova ao sujeito. Quanto à predicação verbal, Bechara (2010 e 2015) sintetiza-a em *predicado simples* e *predicado complexo*, diferenciando-se dos gramáticos mais tradicionais. O “simples” é composto por um verbo de significação muito definida e que se encerra nele mesmo (o verbo intransitivo), enquanto o “complexo” é formado por um verbo de significação mais ampla (o verbo transitivo), em que é necessário um termo complementar para delimitá-lo.

Há ainda o *predicado verbonominal*, que, para a BGPC de Cunha e Cintra (2004, p. 102), possui dois núcleos significativos: um verbo e um predicativo. As três divisões de predicado, em nominal, verbal e verbonominal, não encontram amparo numa gramática descritiva como a GDP. Para Perini (2005), o núcleo do predicado é sempre o verbo, não importando a distinção existente entre os verbos de ligação e significativos, já que, no plano sintático, o sintagma nominal do sujeito, representado por SN[+CV], sempre concorda com o verbo NdP. Essa posição entra em consonância com a postura adotada em Bechara (2010 e 2015), que criou a distinção “simples/complexo” para afastar-se das inconsistências da tipologia tradicional, em suas palavras:

[...] do ponto de vista funcional e formal, tais verbos apresentam todas as condições necessárias à classe dos verbos, incluindo-se aí os morfemas de gênero, número, pessoa, tempo e modo; daí acompanharmos neste livro os

linguistas e gramáticos que defendem a não distinção entre o *predicado verbal* e o *predicado nominal*, incluindo também a desnecessidade de distinguir o *predicado verbonominal*. Toda relação predicativa que se estabelece na oração tem por núcleo um verbo. (BECHARA, 2015, p. 444, grifos no original)

O Quadro 4, a seguir, reflete parte da discussão exposta nesta seção.

Gramática	Uso do termo “predicado nominal”	Uso do termo “predicado verbal”	Uso do termo “verbonominal”
GNLP	Sim	Sim	Sim
BGPC	Sim	Sim	Sim
GELP	Não	Não	Não
MGP	Não	Não o usa como um termo para distingui-lo de outros predicados. * todo predicado é verbal	Não
GDP	Não	Não o usa como termo para distingui-lo de outros predicados. * todo predicado é com-posto pelo núcleo verbal NdP	Não

Quadro 4 – Nomenclatura de categorização do predicado

Fonte: elaboração própria

3 | OS ARQUÉTIPOS CONCEPTUAIS NA ESTRUTURA ORACIONAL

As teorias cognitivistas, amparadas sob um rótulo maior de linguística cognitiva, convergem pelo interesse comum de investigar a mente mediante os fenômenos da linguagem. Embora, em sentido lato, todos os campos linguísticos pertençam ao âmbito da cognição, linguistas desse campo demarcam sua especificidade investigativa por meio do termo “cognitivo”, na busca de enfatizar não apenas o funcionamento da linguagem, mas os processos da mente. Um dos ramos de tal linguística é conduzido pelos estudos gramaticais de Ronald Langacker, de cuja semântica cognitiva originam-se os termos já consagrados sobre *construal*, foco, proeminência, perspectiva e ponto de vantagem.

Para a *Cognitive grammar* (CG) de Langacker (2008), a estrutura da oração, ou da cláusula, está ancorada na experiência humana básica, isto é, ela é melhor descrita referindo-se a concepções arquetípicas que representam os aspectos fundamentais da experiência. A centralidade da oração é refletida no verbo enquanto expressão que perfila um processo, o qual depende de uma ancoragem do “[...] evento de fala, seus participantes e suas circunstâncias imediatas (como o tempo e espaço)” (LANGACKER, 2019, p. 166). Sendo a ancoragem o elemento que pode figurar externamente ao escopo de predicação, ou que está parcialmente implícito no escopo máximo, ou ainda o que se inclui objetivamente

no escopo imediato de predicação.

Assim como o sujeito e o predicado são definidos na qualidade de essenciais para outras teorias da oração, nesta CG, os *arquétipos conceptuais* funcionam como protótipos para os elementos oracionais:

- a) o arquétipo de *organização da cena* trata de uma quantidade de participantes móveis inseridos num cenário mais global, em relações que ressaltam a localização dos participantes;
- b) o *modelo bola de bilhar* concebe-se na mobilidade dos participantes, ilustrados ao modo de “[...] objects moving through space and impacting one another through forceful physical contact.” (LANGACKER, 2008, p. 355);
- c) o arquétipo *cadeia de ação* baseia-se numa série de interações de força envolvendo interações de energia.

Compondo os modelos, existem os *papéis arquetípicos*, que trazem as funções mais rotineiras para os participantes de algum evento: agente, paciente, instrumento, experienciador, movente e termo zero.

- d) o *modelo de palco* é um arquétipo que reflete a maneira como as pessoas apreendem o mundo externo, sendo uma atividade similar a assistir uma partida esportiva. Nele há um processo de dirigir e focar a atenção, partindo de um escopo máximo, o participante seleciona uma área menor, lócus de sua atenção;
- e) o *arranjo de visualização padrão* diz respeito a interlocutores que, estando juntos numa localização, compartilham uma linguagem para descrever fenômenos do mundo.

Por fim, Langacker (2008, p. 357) oferece uma fusão de tais arquétipos que serve de ponto de partida para a discussão da estrutura oracional: o *modelo de evento canônico*. Em torno da cláusula, um evento de força e delimitação delinea-se com um agente (AG) que atua sobre um paciente (PAT) a induzir uma mudança de estado. O foco de atenção delimita um escopo imediato (IS) a partir de um espectador/visualizador (V) que não participa da cena, embora esteja nos bastidores do cenário – pormenores que, se unidos, formam um cenário global (MS), ver Figura 1 e Quadro 5.

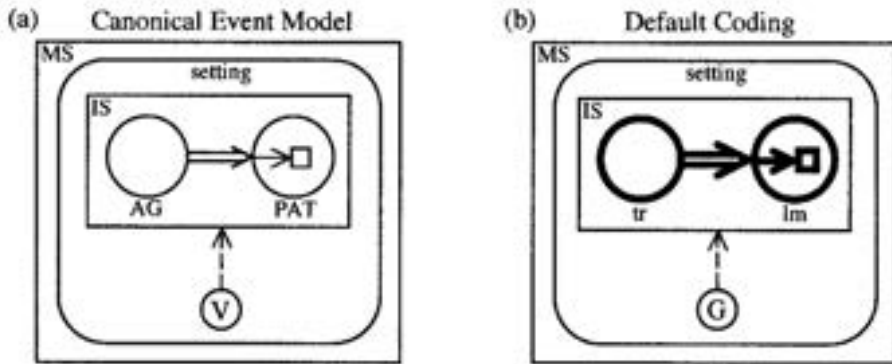


Figura 1 - Modelo de evento canônico e codificação de padrão

Fonte: Langacker (2008, p. 357)

Por exemplo, numa sentença como a (6), tem-se a cena em que alguém presencia um gato a arranhar o sofá, o que gera uma mudança de estado no objeto sofá (Figura 1.a / sentença 6.b), sendo uma representação genérica para o nível conceptual. Por outro lado, a figura (1.b) e sentenças (6.a e 6.c) indicam um perfilamento, representa o nível de efetivação da expressão linguística, momento em que o agente se assume como um trajector (tr) em direção ao ponto de referência (lm), outrora sob o rótulo de paciente; há também o dêitico *ontem* que passa a figurar no pano de fundo (G), entendendo-se por um ponto de referência implícito, mesmo estando fora da cena perfilada.

- (6) .a - Ontem o gato arranhou o sofá.
 .b - AG — (processo) → PAT
 .c - Trajector — (verbo perfilado) → Landmark

Note-se que a maior parte dos componentes dos arquétipos envolve a noção de espaço e movimento, o que é sugerido no uso dos vocábulos: participantes móveis, objetos moventes, força física, impacto etc. Não à toa, espaço e movimento são uma das concepções mais básicas da experiência perceptual, sendo passíveis constantemente a processos metafóricos dos conceitos da vida cotidiana, como metáforas do tempo movente e da vida em termos de viagem (LAKOFF; JOHNSON, 1980), o que nos leva a sua constatação.

Gramática normativa	Termos essenciais/básicos	Sujeito	Predicado
Cognitive Grammar (CG) (termos de equivalência próxima e, por vezes, intercambiáveis)	Escopo imediato (IS) Predicação	Trajector (tr) Agente (AG)	Landmark (lm) - pano de fundo Paciente (PAT)
Subjetificação na CG (termos que participam da predicação em funções e contextos variáveis)	Visualizador (V), conceptualizador, <i>ground</i> (G - evento de fala)		

Quadro 5 – Nomenclatura cognitivista relativa à estrutura da oração

Fonte: elaboração própria

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tomar esta análise contrastiva pela percepção de que cada gramática possui fins específicos, algumas considerações podem ser tecidas, entre as quais se adverte que o entrosamento entre as gramáticas sempre favorece, em alguma medida, os segmentos, as construções, os parâmetros e reinterpretações mútuas.

Em amplas assunções, as gramáticas normativas tendem a ser priorizadas no cotidiano escolar, cujo ensino concentra-se em contextos formais e exemplares da língua. As gramáticas descritivas, por conta do caráter científico, estão mais interessadas no “como é” em vez do “como deve ser”, mesmo assim, podem servir como ponto de reflexão para abordagens específicas do cotidiano escolar, não precisam de estar submetidas eternamente ao contexto da pesquisa.

Analisando os quadros apresentados neste estudo, no que se refere ao tema do sujeito e do predicado, a BGPC e a GNLP estão mais próximas entre si do que estariam das gramáticas de teor descritivo; por outro lado, a MGP é a obra que mais se aproximou dos pontos adotados na gramática científica de Perini. A CG, embora possa ser atrelada a alguma subvariação de gramática descritiva, pouco se assemelhou aos demais tratados, certamente devido a sua ênfase nos processos mentais. Entre os gramáticos pesquisados, Bechara foi o único que adotou uma posição intermediária entre a tradição e a ciência, seja em sua gramática escolar GELP (de finalidade normativa), seja em sua *Moderna Gramática Portuguesa*, que, como ele mesmo cunhou, é “descritiva e normativa”.

Quanto à essencialidade do sujeito, a CG apreendê-la-ia como um elemento prototípico ajustável aos processos acionados pelo arquétipo conceptual. As demais gramáticas constataam sua importância sem conferir-lhe modalidade alética de necessidade [\diamond (Suj. ^ Pred.) \rightarrow Or.]. O sujeito inexistente prova-se, na verdade, um predicado verbal sem um sintagma de valor [+CV], nesse sentido, é equiparável aos sujeitos oculto e indeterminado, conforme atesta a GDP.

O tipo de gramática descritiva presente na MGP é diferente daquele presente na GDP. Ainda que Bechara considere algumas alegações exclusivamente sintáticas dos gerativistas, suas gramáticas acomodam-se melhor às tradições filológicas e a alguns

preceitos coserianos. Já o descritivismo de Perini tem ligações mais claras com a sintaxe do gerativismo.

Este artigo aventurou-se no tema da estrutura oracional básica sob a forma de comparação das diferentes perspectivas dos conceitos – um tema que parece esgotado no senso comum de pessoas letradas, mas que, ocasionalmente, verte-se de novas indagações e roupagens. A essencialidade dos termos oracionais segue por ser uma forma ampla de reflexão sobre a linguagem, seja como moldes da língua portuguesa e de outras línguas, seja como moldes da experiência básica processadas em mecanismos de cognição.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. ed. 38. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. ed. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BRASIL. **Nomenclatura Gramatical Brasileira**. Rio de Janeiro: 1959. Disponível em: <<https://docs.ufpr.br/~borges/publicacoes/notaveis/NGB.pdf>> Acesso em 22 abr. 2022.

CHOMSKY, N. **The Logical Basis for Linguistic Theory**. Proc. 9th Int. Cong. Linguists Cambridge/MA 1962.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Breve gramática do português contemporâneo**. ed. 17. Lisboa: João Sá da Costa, 2004.

LAKOFF, G.; JONHSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. Subjetificação. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**. n. 23, v. 2, p. 162-193, UFJF, 2019.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar: a basic introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

PERINI, M.A. **Gramática descritiva do português**. ed. 4. São Paulo: Ática, 2005.

ROCHA LIMA, C.H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. ed. 49. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

TALMY, L. Foreword. In: GONZALEZ-MARQUEZ, Monica; MITTELBERG, Irene; COULSON, Seana; SPIVEY, Michael J. **Methods in cognitive linguistic**. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. xi-xxi.

O MAL-ENTENDIDO EM TUÍTES: BREVES REFLEXÕES

Data de aceite: 01/08/2022

Data de submissão: 07/06/2022

Débora Cristina Longo Andrade

Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, SP

<http://lattes.cnpq.br/1649814261787989>

RESUMO: Neste trabalho, propusemo-nos a investigar o fenômeno do mal-entendido em interações na rede social digital *Twitter*. Para tanto, iremos verificar o mecanismo de organização das sequências discursivas em que ocorre o mal-entendido, especificar suas causas, como também descrever os processos interacionais que procuram resolvê-lo. Para a análise, selecionamos segmentos conversacionais constituídos por tuítes. Os tuítes serão analisados com base em estudos realizados nos campos da Análise da Conversação e Linguística Interacional. Em nossa análise, verificamos que os segmentos expõem o mesmo padrão estrutural que se revela nas conversações face a face, isto é, o mal-entendido se manifesta predominantemente no intervalo entre o turno de origem e o turno de reparo do problema. Quanto às causas que o desencadeiam, observamos que elas envolvem, em especial, aspectos semântico-lexicais. Constatamos, ainda, que os parceiros comunicativos tendem a adotar procedimentos de reformulação na tentativa de esclarecer os mal-entendidos e, eventualmente, alcançar a (inter)compreensão em suas práticas

discursivas no contexto digital.

PALAVRAS-CHAVE: Conversação; mal-entendido; negociação; tuítes.

THE MISUNDERSTANDING IN TWEETS: BRIEF REFLECTIONS

ABSTRACT: In this work, we set out to investigate the phenomenon of misunderstanding in interactions on the digital social network *Twitter*. To do so, we will verify the mechanism of organization of the discursive sequences in which the misunderstanding occurs, specify its causes, as well as describe the interactional processes that seek to resolve it. For the analysis, we selected conversational segments consisting of tweets. The tweets will be analyzed based on studies carried out in the fields of Conversation Analysis and Interactional Linguistics. In our analysis, we found that the segments exhibit the same structural pattern that is revealed in face-to-face conversations, that is, the misunderstanding manifests itself predominantly in the interval between the origin shift and the problem repair shift. As for the causes that trigger it, we observed that they involve semantic-lexical aspects. We also found that communicative partners tend to adopt reformulation procedures to clarify misunderstandings and, eventually, reach (inter) comprehension in their discursive practices in the digital context.

KEYWORDS: Conversation; misunderstanding; negotiation; tweets.

1 | INTRODUÇÃO

Sabendo-se que problemas de compreensão podem facilmente ocorrer tanto em conversações face a face quanto em interações digitais dialógicas, este trabalho volta-se, em termos abrangentes, ao estudo do mal-entendido linguístico.

Ainda, levando-se em conta que grande parte das pesquisas analisam tal fenômeno em conversações face a face e que, com a chegada das novas tecnologias de informação e comunicação, as práticas comunicativas do dia a dia passam a ocorrer, de modo intenso, no contexto digital, nossa intenção, neste trabalho, é focalizar especificamente a ocorrência do mal-entendido em conversações produzidas e veiculadas na rede social digital *Twitter*.

Metodologicamente, desenvolveremos o trabalho de acordo com os seguintes tópicos: aspectos fundamentais da conversação; reflexões sobre o mal-entendido; noções acerca do trabalho de face; e, por último, análise de tuítes.

Por último, é oportuno mencionar que as reflexões apresentadas neste trabalho correspondem a um pequeno recorte de nossa tese de doutorado intitulada “Um estudo do mal-entendido em interações na rede social digital *Twitter*”, situada na linha de pesquisa Procedimentos de constituição dos sentidos do discurso e do texto e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

2 | ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA CONVERSAÇÃO

Na tentativa de fundamentar teoricamente este trabalho, partimos do princípio de que a conversação não é uma atividade caótica, nem mecânica, mas um fenômeno situado e intencional, caracterizado principalmente pela sua sistematicidade (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003 [1974]), ou seja, organizado sequencialmente, de natureza regulada e passível de descrição e análise. Disso decorre um estudo fundamental sobre o **sistema de tomada e distribuição de turnos** como recurso metodológico central para a investigação, uma vez que “descreve a ordenação de regras observadas na organização da fala-em-interação sob o ponto de vista da alocação das oportunidades de falar” (FREITAS; MACHADO, 2008, p. 59).

Nesse direcionamento, podemos dizer que a conversa prevê uma operação de revezamento na qual os participantes se alternam nos papéis de falante e ouvinte, sendo que as formas de intervenção ou participação de cada interlocutor ocorre por meio de *turnos* de fala, cuja estrutura pode corresponder a sentenças, orações, locuções frasais, palavras isoladas ou mesmo recursos prosódicos.

Outra noção que está na base dos pressupostos desenvolvidos pelos analistas da conversa diz respeito à **sequencialidade**, cujo conceito está relacionado às ações constituídas pelo uso da linguagem em interação social, organizadas em sequências de elocuições produzidas por diferentes participantes (LODER et al., 2008), ou seja, quando uma pessoa fala, ela não o faz de modo desordenado, mas sempre levando em conta o que

o outro disse anteriormente.

Um terceiro aspecto apresentado por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974]), em artigo publicado na revista *Language*, diz respeito à **organização do sistema de reparo**, tido como um mecanismo existente para lidar com erros e violações (infrações conversacionais), que se operam na organização e distribuição dos turnos de fala.

É oportuno mencionar ainda que, em estudo posterior, os estudiosos (1977) examinaram mais detidamente o sistema de reparo, apresentando-o como um conjunto de práticas destinadas a resolver problemas de *produção*, *escuta* e *entendimento*, apontados pelos participantes ao longo da interação, ou seja, é provável que, durante a conversação, um participante possa não ouvir bem o que seu parceiro comunicativo acabou de dizer (problema de escuta), ou possa se enganar ao dizer alguma palavra (problema de produção) ou ainda não interpretar adequadamente aquilo que o outro disse (problema de entendimento); todos esses problemas podem dificultar o andamento da interação, ou melhor, pôr em risco a intersubjetividade da fala-em-interação, levando os interlocutores a suspender o curso de suas ações para tentar resolvê-los.

Ademais, convém registrar que Schegloff (1992), dando continuidade ao estudo da organização do sistema de reparo, descreveu uma prática denominada “reparo em terceira posição”, constituído de uma sequência de ações em três posições: no primeiro turno (T1), o falante produz a sua elocução. No turno seguinte (T2), o interlocutor produz um enunciado. Por meio do que é transmitido em (T2), o falante de (T1) percebe que a interpretação do interlocutor em (T2) é problemática. Assim, no terceiro turno (T3), o falante refaz o seu turno inicial, a fim de que o problema seja resolvido.

Como se percebe, os trabalhos realizados em Análise da Conversação trazem importantes contribuições ao estudo do mal-entendido, no que diz respeito, principalmente, à investigação da dinâmica organizacional das sequências em que o fenômeno ocorre, é sinalizado e, conseqüentemente, resolvido. Sob essa perspectiva, merecem também a nossa atenção as contribuições da Linguística Interacional, visto que essas duas correntes teóricas mantêm o mesmo material investigativo (dados empíricos em situações reais, por exemplo, as conversas), como também procedimentos metodológicos similares, permitindo que:

[...] categorias e estruturas linguísticas, por meio das quais a interação se realiza, sejam efetivamente analisadas, definidas e redefinidas a partir da linguagem em uso nas situações comuns e recorrentes da vida dos falantes de uma língua” (HILGERT, 2013, p. 75).

3 | REFLEXÕES SOBRE O MAL-ENTENDIDO

Sem a pretensão de desenvolver uma reflexão profunda sobre o conceito de mal-entendido, em razão da extensão limitada deste trabalho, podemos começar dizendo que, de acordo com Weigand (1999), o mal-entendido se caracteriza como uma “forma de

entendimento parcial ou totalmente divergente do que o enunciador tencionou comunicar e que poderá ser corrigida normalmente no desenvolvimento do jogo de ação dialógica”. Em outras palavras, “é toda e qualquer forma de compreensão total ou parcialmente desviante, manifesta por um interlocutor, em relação à expectativa de compreensão do outro” (HILGERT, 2005, p. 141).

Weigand (1999, p. 769) permite caracterizar, em particular, esse tipo de ocorrência como *standard case*¹ entre os problemas de compreensão, o qual apresenta predominantemente a seguinte estrutura conversacional, principalmente, em situações de interação face a face: turno 1 – o falante (A) formula seu enunciado; turno 2 – o ouvinte (B) constrói uma interpretação equivocada; turno 3 – o falante (A) denuncia o mal-entendido, ao afirmar que a resposta de (B) não está de acordo com que ele (A) tencionou comunicar, refazendo seu turno da primeira posição para que o equívoco de compreensão seja resolvido, a fim de que a sequência interacional possa prosseguir.

Nessa direção, Hilgert (2003, p. 230-231) nos apresenta a dimensão mais recorrente do padrão estruturador do monitoramento dos mal-entendidos e define os elementos que estruturam essas sequências conversacionais, conforme segue: (i) denomina-se *enunciado de referência* o primeiro turno (T1), no qual o falante formula o seu enunciado; (ii) o enunciado *revelador do problema de compreensão* é o turno, em geral, no qual se manifesta o *mal-entendido*. Nesse turno, o enunciador normalmente sinaliza o desvio de compreensão e procura reformular o enunciado de referência, a fim de que a interação possa prosseguir; (iii) finalmente, por *resposta*, identifica-se o enunciado que dá o monitoramento por encerrado e, conseqüentemente, o mal-entendido como resolvido. Para tanto, torna-se preciso que as dificuldades sejam identificadas e atribuídas a possíveis causas.

Dentre as causas mais comuns que dão origem aos mal-entendidos, Bazzanella e Damiano (1999, p. 818-819) apresentam-nas em relação a duas dimensões: (i) o *nível* em que esse fenômeno pode ocorrer (fonético; sintático; lexical; semântico e pragmático); (ii) os *fatores* que o desencadeiam, denominados pelas autoras de “gatilhos” (Ibid., p. 821), tais como: “estruturais” (distúrbios junto ao canal comunicativo; ambiguidades lexicais ou sintáticas, similaridades entre elementos do código linguístico, distúrbios causados pelo uso de uma língua estrangeira); relacionados ao “falante” (problemas quanto à prosódia, atos de fala indiretos, indeterminação, anacoluto, entre outros); relacionados ao “ouvinte” (lacunas no conhecimento enciclopédico, construção de falsas inferências, etc.) e/ou relacionados à “interação entre os interlocutores” (diferenças culturais, diferenças entre os estilos comunicativos, conhecimentos não compartilhados; tópico de organização, entre outros).

¹ Weigand (1999, p. 768) permite caracterizar, em particular, o mal-entendido como “standard case”, traduzido por Dascal (2006, p. 315) como “exemplo-padrão” e apresentado, por Hilgert (2005, p. 141), como “caso standard”. Sugerimos a expressão “caso estereotípico”. Ainda, importa mencionar que nosso interesse recai sobre os estereotípicos, pelo fato de que são revelados na superfície linguística e, de alguma forma, podem ser gerenciados e interacionalmente resolvidos.

Convém enfatizar que – seja por razões socioculturais, seja por motivos inerentes às condições de produção – o mal-entendido só se revela somente quando, no decurso da interação, o enunciador denuncia, por meio de intervenção explícita, que a interpretação do ouvinte é divergente daquela esperada por ele (falante). E por reconhecer que o desdobramento da ação comunicativa está sujeito a toda ordem de turbulências de interpretação e compreensão (SCHEGLOFF, JEFFERSON, SACKS, 1977), o falante adota estratégias preventivas linguístico-discursivas destinadas a resolver o problema evidenciado, procurando dar prosseguimento à interação.

Quanto aos procedimentos de monitoramento do mal-entendido linguístico, daremos ênfase às intervenções metaformativas que, segundo Koch (2009), são aquelas por meio das quais o enunciador procede a reformulações, com o intuito de sanar algum equívoco interpretativo, por exemplo, as correções, repetições saneadoras e as paráfrases.

Resumidamente, podemos dizer que a *paráfrase* retoma, com outras palavras, em maior ou menor grau, o sentido de um enunciado anterior (matriz). Significa, portanto, a produção de um segmento linguístico, “que possui relação de equivalência semântica” (HILGERT, 2015, p. 258) em relação ao outro enunciado, tendo em vista assegurar a intercompreensão. Já a *repetição*, de acordo com Marcuschi (2015), consiste na produção de segmentos linguísticos duas ou mais vezes, no âmbito de um mesmo evento comunicativo, motivados pelos mais diversos fatores, seja de ordem cognitiva, textual, sintática ou interacional. Ainda, para o autor, a repetição, no plano da compreensão, fortalece a intensificação e o esclarecimento. Quanto à *correção*, podemos dizer que está relacionada à produção de um enunciado linguístico que reformula um anterior, considerado errado aos olhos de um dos interlocutores. “A correção é, assim, um claro processo de reformulação retrospectiva” (FÁVERO et al., 2015, p. 243) e decorre da necessidade de o locutor solucionar dificuldades de interpretação no segmento anteriormente produzido.

Neste ponto, cabe indicar, ainda, que este trabalho procura, numa linha conceitual complementar, uma interface entre o estudo do mal-entendido e a teoria da cortesia verbal, no que se refere, principalmente, à atividade de imagem ou trabalho de face (*face work*).

É deste assunto que trataremos a seguir.

4 | NOÇÕES ACERCA DO TRABALHO DE FACE

Dentre as várias teorias de cortesia verbal, interessa-nos, em particular, os trabalhos de referência de Brown e Levinson (1987 [1978]), que nos parecem contribuir de forma mais relevante para este estudo, no que diz respeito, principalmente, ao trabalho de face (*face work*).

Inspirados na noção de face, proposta por Goffman (1967), cujo termo pode ser definido como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si [...], delimitada em termos de atributos sociais aprovados”, Brown e Levinson (1987) partem do

princípio de que todos os membros da sociedade possuem uma face, isto é, uma imagem que procura defender e ver preservada nas interações, constituída de dois polos: *positivo* e *negativo*.

Entende-se por *face positiva* a imagem que o indivíduo deseja para si na interação com os outros; representa o desejo de aprovação, apreciação e reconhecimento individual. Já a *face negativa* constitui-se de elementos que promovem e mantêm a autonomia do indivíduo em seu âmbito de ação; é relativa à autopreservação, desejo de não imposição ou reserva de território pessoal, liberdade de ação e de imposições.

Numa interação comunicativa, essas faces podem ser mantidas ou valorizadas ou podem ser também ameaçadas. Para os autores (1987), a maioria dos atos de linguagem que são produzidos nas conversas cotidianas são potencialmente “ameaçadores” para uma das faces e, por conseguinte, podem pôr em perigo a imagem pública dos interlocutores, criando um sério risco para o bom desenvolvimento da interação. Tais atos são chamados de *Face Threatening Acts*, doravante FTAs, Atos de Ameaça à Face. Por exemplo, as críticas, as acusações, os insultos, interrupções e refutações *ameaçam* a face positiva do indivíduo, enquanto as ordens, os pedidos, os conselhos *ameaçam* a sua face negativa.

Goffman (1967, p. 12), por meio do trabalho de face ou atividade de imagem (*face work*), afirma que todo indivíduo pode “neutralizar ‘incidentes’, ou seja, eventos cujas implicações simbólicas efetivamente ameacem a imagem”. Brown e Levinson reforçam essa concepção ao dizerem que o locutor procura suavizar essa ameaça com a *cortesia*, selecionando alguma estratégia de conduta, como as formulações indiretas de uma crítica, que permitem atenuar a ameaça à imagem do interlocutor.

Consideramos que, no monitoramento do mal-entendido, o falante pode *ameaçar* a sua face positiva quando reconhece que seu enunciado foi mal elaborado e pede desculpa a seu interlocutor, reformulando-o. Por meio desse procedimento *cortês* de acusar o mal-entendido, o falante promove a *defesa* da face positiva do ouvinte. Por outro lado, o pedido de desculpa acaba *beneficiando* a sua imagem, pois, ao admitir seus próprios erros, o falante está realizando um comportamento que é aprovado socialmente.

No âmbito das interações no *Twitter*, partimos do pressuposto que, no trabalho de imagem realizados nas ações de denúncia e encaminhamento da solução do mal-entendido, podem aparecer tanto comportamentos corteses (em geral, politicamente corretos) quanto enunciados formulados de maneira agressiva, grosseira e brutal. A nosso ver, tais reações impolidas variam segundo a importância que os usuários da rede atribuem à natureza da “relação” estabelecida com seu parceiro de interação (distância/hierarquia), à separação espaço-temporal, ditada pelo contexto comunicativo e, por fim, à preocupação de enaltecer ou, pelo menos, manter a sua própria imagem em detrimento da imagem do outro.

5 | ANÁLISE DE TUÍTES

A nosso ver, o *Twitter* constitui-se em um ambiente na internet, que permite aos usuários postar mensagens e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos relativamente curtos. Em 2017, essa rede social estendeu seu clássico limite de 140 caracteres por mensagem para 280 caracteres, com o intuito de levar as pessoas à melhor compreensão das mensagens. Além da mensagem com até 280 caracteres, os usuários também podem postar foto ou GIF (*Graphic Interchange Format*, que se pode traduzir como formato para intercâmbio de gráficos), isto é, pequenas animações ou imagens em cores compactadas em um só arquivo. Esses textos são conhecidos como tuítes

Consideramos ainda que o *Twitter* se apresenta como uma importante plataforma de informação, que permite divulgar notícias em tempo real a milhares de pessoas conectadas no mundo, bem como estabelecer uma aproximação entre perfis públicos, de diversas esferas de atuação, e seus seguidores. Essa rede social possibilita conhecer as opiniões e tomada de posições de seus participantes e torna-se, aliás, mais atraente aos usuários, por oferecer um maior número de recursos e possibilidades de interação.

Nesse sentido, a escolha dessa rede social se justifica, uma vez que o *Twitter*, além de se tratar de um ambiente interativo virtual, em que há o compartilhamento de ideias e pontos de vista, tende a favorecer, na dinâmica social da rede, momentos que solicitam dos participantes um esforço na negociação de conflitos e no estabelecimento de algum nível de harmonia em suas conversações digitais.

Ademais, é oportuno dizer que, com as inovações trazidas pelas tecnologias de informação e comunicação, a constituição da escrita modificou-se, ao incorporar elementos paralinguísticos e componentes semióticos, em um ambiente no qual as pessoas se inter-relacionam virtualmente. No *Twitter*, é bastante comum a utilização de uma linguagem informal, de redução de palavras (para de *chuta* em vez de *chutar*), de abreviações que evocam o som (*vc*, *q*, *blz*), como também de *emoticons* (*emotion*: emoção + *icon*: ícone), isto é, recursos que exploram, no contexto digital, variadas emoções ou procuram transmitir o estado psicológico dos sujeitos. Pressupomos que tais marcas nos revelam que os usuários desejam interagir na rede e, para tanto, veem-se compelidos a “escrever” suas mensagens, bem como precisam investir toda a sua criatividade, por meio do acionamento de determinados recursos linguístico-discursivos, no sentido de também atribuir marcas de oralidade ao texto escrito – provenientes de experiências adquiridas como falantes nas diversas situações de interação face a face.

Mediante tais considerações, sentimo-nos autorizados a analisar a interação por meio de tuítes como uma “conversa” (instalação do simulacro de comunicação face a face; alternância de turnos e sequencialidade; vocabulários e expressões próprias da fala; convenções gráficas que simulam efeitos de sentido da oralidade, entre outros) e, por conseguinte, a assumir as categorias teóricas da análise linguística da conversação na

orientação deste estudo.

Ainda, convém mencionar que para Leite et al. (2010) e Barros (2015), quando o estudo se refere às conversações publicadas e veiculadas na internet, há, frequentemente, a necessidade de abordar as especificidades tanto da fala (interatividade intensa) quanto da escrita (longa conservação de seus conteúdos e grande extensão de seu alcance), bem como a complexidade das relações que se estabelecem entre essas duas modalidades de uso da língua, que descartam a divisão dicotômica entre elas e propõem a ideia de *continuum*.

Nessa direção, selecionamos para a análise tuítes publicados por sujeitos participantes de diversas esferas de atividade, os quais produzem práticas sócio-discursivas características do campo de atividade humana em que estão inseridos, bem como peculiares do contexto em que emerge a produção escrita dessas mensagens.

Passemos, então, à análise dos dados à luz das contribuições teóricas e decisões metodológicas relacionadas até aqui. Informamos ainda que, por uma questão de legibilidade, o turno em que o mal-entendido ocorre será destacado em negrito nos dois segmentos analisados².

Segmento Conversacional (I)

Usuário A: “Tem formação multisetorial e possui visão holística dos problemas. Vai surpreender mas poderá ser pouco compreendido porque não fala uma linguagem comum [link: OGloboPolítica: Astronauta Marcos Pontes (@Astro_Pontes) confirma que será ministro de Ciência e Tecnologia <https://glo.bo/2F0bWzM>]. 30/10/2018, 8h58. Tuíte.

Usuário B: “**Particularmente, prefiro um discurso técnico a um discurso político. Quando os resultados começarem a aparecer, todos compreenderão.**” 31/10/2018, 9h14. Tuíte.

Usuário A: “A ‘arte da política é conversar e convencer’. Um argumento técnico muitas vezes não é compreendido por muitas pessoas e então gera uma dificuldade no entendimento e na aceitação. Eu me referi a isso.” 31/10/2018, 9h22. Tuíte.

Usuário B: “Com certeza.” 31/10/2018, 9h27. Tuíte.

Nesta interação (SC-I), verificamos que o usuário [A], em seu tuíte, faz alusão à formação do astronauta Marcos Pontes, que seria indicado à pasta do Ministério de Ciência e Tecnologia, caso o candidato à Presidência da República, Jair Bolsonaro, vencesse as eleições de 2018 (fato ocorrido), no Brasil. O usuário [A] afirma que, em razão do astronauta não falar uma linguagem acessível à população, ele poderia ser pouco

2 Importa mencionar que para a análise de segmentos conversacionais, utilizamos, por uma “questão de legibilidade”, o modelo de citação de tuítes proposto pela *Modern Language Association* (MLA), que contém informações na seguinte ordem: Último nome, primeiro nome (nome de usuário). “Tuíte por completo”. Data, horário. Tuíte. Convém ressaltar que o nome dos participantes foi substituído pelo termo Usuário, seguido por letras maiúsculas, em ordem alfabética (Usuário A, Usuário B etc.), a fim de resguardar-lhes as identidades. Informamos que a ausência dos dados pessoais não constitui obstáculo para o desenvolvimento de nossas análises.

compreendido. O usuário [B] **aceita** o enunciado de [A], indicando, em segunda posição, a sua preferência por um discurso técnico a um discurso político e pontuando ainda que o “futuro” ministro seria compreendido, à medida que os resultados de sua atuação política fossem aparecendo. Em terceira posição, notamos que o usuário [A] produz uma atividade reformulativa parafrástica, ao explicar que a referência feita à fala do ministro, no primeiro turno, não dizia respeito ao alcance de resultados, mas ao fato de que era necessário estabelecer o diálogo entre a classe política e a população, como também a persuasão e, frequentemente, isso não é alcançado por meio de argumentos técnicos, ocasionando dificuldade no entendimento e na aceitação. A declaração “*Eu me referi a isso*” confirma o fato de que a interpretação realizada pelo interlocutor [B] não correspondeu às expectativas do usuário [A]. Observamos que, em quarta posição, o usuário [B] encerra a sequência interacional centrada no monitoramento do mal-entendido, ao sancionar o enunciado reformulador (“*Com certeza*”), fato que contribuiu para valorização da face positiva de [A].

Segmento Conversacional (II)

Usuário A: “Bom fazer aniversário dps do povo pq serei recíproca em tudo agr.” 30/08/2021, 15h10. Tuíte.

Usuário B: “Ui kkkkk calma ae, q o presente do grupinho vai chegar” 30/08/2021, 16h43. Tuíte.

Usuário A: “Aí amg, não me referi a isso viu? inclusive avisei a ianka q não queria nada. Amo vocês igual ♡” 30/08/2021, 16h57. Tuíte.

Usuário B: “Sei amiga kkkkk mas é uma alerta! Nenhuma ficou em branco, não era vc q ficaria agora né, rum ♡” 30/08/2021, 16h58. Tuíte.

Neste fragmento, observamos que [A] produz o enunciado de referência afirmando que será recíproca em tudo a partir da data de seu aniversário. O uso da expressão “recíproca em tudo” tem sentido vago, incompleto, e, assim, parece autorizar o usuário [B], por inferência, a pressupor, particularmente, que [A] esteja se referindo ao fato dela não ter ganhado um presente do grupo de amigas na comemoração de seu aniversário. Assim, o usuário [B] produz, no segundo turno, um enunciado, no qual pede calma a [A] e, em seguida, comenta acerca do presente que seria enviado a ela pelas amigas. Como se percebe, a falta de clareza na elocução de [A] leva seu interlocutor a ativar, erroneamente, o referente mais relevante do seu ponto de vista. [A] denuncia, então, o mal-entendido, ao esclarecer que não estava se referindo a isso, visto que já havia informado alguém (*lanka*) que não se preocupasse em lhe dar uma lembrança e que, inclusive, não deixaria de amar suas amigas por essa razão. Como vimos, a interpretação de [B] diverge do “conjunto de possíveis respostas” à elocução de [A]. Em seguida, [B] diz que a entende (*Sei amiga kkkkk*), no entanto faz questão de alertá-la quanto ao fato de que o presente seria enviado, já que todas as amigas eram agraciadas em tais ocasiões (informação assumida como compartilhada entre [A] e [B] no desdobramento interacional). Os *emoticons* [♡] são

utilizados, ao final dos enunciados, no sentido de expressar a relação de amor e amizade entre [A] e [B]. Ademais, verificamos que o uso repetido de formas onomatopaicas (*kkkkk*) representa o riso, particularmente irônico, que a ocorrência causa. Notamos, inclusive, que, apesar do mal-entendido ter sido detectado imediatamente, o real motivo do desagrado de [A] não foi revelado – pelo menos, de maneira ostensiva.

Quanto ao ciclo de negociação do mal-entendido, observamos que os exemplos apresentam a seguinte estrutura: em *primeira posição*, temos o enunciado de referência, que corresponde à proposição inicial do falante. Em *segunda posição*, encontra-se, normalmente, o enunciado revelador do problema, no qual se manifesta o mal-entendido. Na *terceira posição*, identifica-se o enunciado sinalizador (que aponta o problema) e/ou enunciado reformulador (que tenta resolver o problema) e, de modo geral, em *quarta posição*, temos o enunciado-resposta, em que o ouvinte, na fase de negociação da produção de sentido, aceita o turno de reparo.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas permitiram verificar que o ciclo de negociação do mal-entendido no *Twitter* ocorre na forma como ele normalmente se revela na conversação face a face, ou seja, os exemplos investigados apresentam regularidades na estruturação dos segmentos conversacionais, com denúncia e encaminhamento da solução do problema em terceira posição e, conseqüentemente, a sua inscrição na segunda. Há que se destacar que os segmentos analisados trazem uma quarta posição, em que o interlocutor aceita o turno de reparo (é claro que, em sentido estrito, ela é dispensável nessa estrutura).

Quanto às causas, observamos que *imprecisões de sentido de um termo ou expressão no enunciado de referência* são os fatores mais recorrentes. No que respeita aos procedimentos que desfazem os mal-entendidos, averiguamos que os interlocutores se utilizam, de modo geral, dos procedimentos reformulativos, principalmente, de *segmentos parafrásticos* com o objetivo de explicitar ou delimitar de forma mais precisa informações contidas no enunciado de referência, com a intenção de torná-lo mais claro para o interlocutor.

Por último, notamos que os usuários, ao sinalizarem o mal-entendido, produzem certos efeitos de descortesia, uma vez que tal denúncia é realizada por meio de enunciados diretos como: “*Eu me referi a isso*”; “*não me referi a isso viu?*”. Entretanto, ao produzir a reformulação do enunciado que gerou o problema, o usuário manifesta implicitamente o interesse por seu interlocutor, fato que leva o destinatário, no enunciado-resposta, a reconhecer o erro interpretativo. Desse modo, podemos dizer que os segmentos conversacionais ora são marcadamente polêmicos, ora se mostram mais claramente cooperativos, dando às interações o equilíbrio necessário à vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Débora Cristina Longo. **Um estudo do mal-entendido na rede social digital Twitter**. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A complexidade discursiva na internet. **CASA** (Unesp), v.13, n. 2, 2015, p. 13-31.

BAZZANELLA, Carla; DAMIANO, Rossana. The interactional handling of misunderstanding in everyday conversations. **Journal of Pragmatics**, 1999, n. 31, issue 6, p. 817-836.

BROWN Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987 [1978].

DASCAL, Marcelo. **Interpretação e compreensão**. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2006.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O.; AQUINO, Zilda G.O. Correção. In: JUBRAN, Célia Spinardi (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 241-256.

FREITAS, Ana Luiza Pires de; MACHADO, Zenir Flores. Noções fundamentais: a organização da tomada de turnos na fala-em-interação. In: LODER, Letícia Ludwig; JUNG, Neiva Maria (orgs.). **Fala-em-Interação Social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**, 1. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2008, p. 59-94.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual: essays on face to face behavior**. New York: Garden City, 1967.

HILGERT, José Gaston. O monitoramento dos problemas de compreensão na construção do texto falado. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, São Paulo, v. 44, 2003, p. 223-238.

_____. Entendendo os mal-entendidos em diálogos. In: PRETI, Dino (org.). **Diálogos na fala e na escrita**, v. 7, Projetos Paralelos – NURC/SP São Paulo: Humanitas, 2005, p.119-153.

_____. Procedimentos profiláticos na construção do sentido e da compreensão na conversa. In: PRETI, Dino; LEITE, Marli Quadros (orgs.). **Comunicação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2013, p. 71-91.

_____. Parfraseamento. In: JUBRAN, Célia Spinardi (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015, p.257-278.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LEITE, Marli Quadros; BARROS, Diana Luz Pessoa de; DIAS, Ana Rosa Ferreira; SILVA, Luiz Antônio da. A Análise da Conversação no Grupo de Trabalho Linguística do Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação: panoramas das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 49-87.

LODER, Letícia Ludwig; SALIMEN, Paola Guimaraens; MÜLLER, Marden. Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência. In: LODER, Letícia Ludwig; JUNG, Neiva Maria (orgs.). **Fala-em-Interação Social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**, 1. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2008, p. 39-58.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Repetição. In: JUBRAN, Célia Spinardi (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 207-240.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. Trad. de Adriana Maria Soares da Cunha et al. **Veredas**, v. 7, n.1-2, jan./dez. 2003 [1974], p. 9-73.

SCHEGLOFF, Emanuel A. Repair after next turn: the last structurally provided defense of intersubjectivity in conversation. **American Journal of Sociology**, v. 97, n. 5, p. 1295-1345, 1992.

_____; JEFFERSON, Gail; SACKS, Harvey. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. **Language**, n. 53, p. 361-382, 1977.

WEIGAND, Edda. Misunderstanding: the standard case. **Journal of Pragmatics**, v. 31, n. 6, 1999, p. 763-785.

Data de aceite: 01/08/2022

Darcilia Marindir Pinto Simões

UERJ/SELEPROT; UEG/POSLLI; UEMS/
NUPEQ
<http://orcid.org/0000-0003-2799-6584>

RESUMO: Orientações multimodais para o ensino da leitura com ênfase na iconicidade presente nas tirinhas e HQs. Subsídios teóricos na semiótica peirceana e na teoria da iconicidade verbal (Simões, 2019), Em Rojo (2009) para o multiletramento e em Romanini (2016) para os estudos de comunicação. Esse artigo procura orientar o trabalho docente com histórias em quadrinhos e tirinhas, observando as várias iconicidades presentes na linguagem imagética combinada com a linguagem verbal. O trabalho traz exemplificação sobre como descrever os elementos que compõem os quadros, indicando os valores inscritos nas imagens visuais e nos balões ou demais textos verbais contidos nas HQs e nas tirinhas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino da leitura; iconicidade; signos multimodais.

1 | PRELIMINARES

Iniciando, agradeço o convite do VIII Colsemi que trabalha o tema “Semiótica e culturas em diálogos”, para participar da mesa de abertura intitulada “As contribuições da iconicidade verbal para os estudos de língua”.

Há um preâmbulo necessário. Considerando os tempos escuros da pandemia do Corona Vírus que nos obrigou a lançar mão de um novo modelo de aulas, uma vez que a proibição do contato direto fez com que as aulas presenciais fossem suspensas por tempo indeterminado, a internet e as plataformas virtuais tornaram-se grandes aliadas do processo didático. Cada um em sua casa (ou mesmo em outros lugares), alunos e professores, passaram a interagir à distância tentando preencher a lacuna das aulas presenciais interrompidas. Nesse novo cenário, a multimodalidade ganhou destaque, uma vez que esse novo modelo de aula precisava de novos estímulos, para que o alunado se sentisse envolvido nesse processo extravagante de aulas virtuais. Ademais, para obter sucesso na exploração da multimodalidade, ganham destaque os recursos de iconicidade. São objeto deste artigo: a multimodalidade e a iconicidade.

Antes, contudo, é preciso relembrar a grande mudança que o advento da web (World Wide Web) — nome pelo qual a internet, rede mundial de computadores, se tornou conhecida a partir de 1991 — promoveu, proporcionando novos modelos de comunicação que, atualmente, encontram-se disponíveis em dispositivos portáteis como os tablets e os smartphones. Dessa forma, a internet ampliou seu alcance (antes dependente de um computador e uma rede pessoal), ao favorecer

o acesso em qualquer lugar e a qualquer hora. A internet veio a possibilitar a concretização da *aldeia global* prenunciada por Marshall McLuhan (1911-1980). Veja-se o excerto:

A importância das teorias de Herbert Marshall McLuhan para comunicação é impossível de não ser reconhecida. Na Era Virtual, seu conceito de “Aldeia Global” é retomado com um tom profético, mas de suma importância para compreensão de como estão sendo estabelecidas as novas relações sociais junto às mídias e à amplitude da nova rede de comunicação intensa e instantânea (OLIVEIRA; ANDRADE, 2017).

A internet hoje entra na maioria das casas, e uma parte significativa do alunado tem seu smartphone, portanto, tem acesso a um universo de informações antes inacessíveis por dependerem da aquisição de livros e mídias impressas. Justamente esse acesso amplo à informação veio facilitar a criação de um novo modelo de aulas, por meios digitais, uma vez que, portando seus smartphones, um número significativo de alunos pode trabalhar com textos verbais e não verbais, o que veio a possibilitar as aulas virtuais no chamado “novo normal”.

O planejamento de aulas mais atraentes e mais produtivas estimulou a abordagem da iconicidade e da multimodalidade como teorias subsidiárias da abordagem textual.

2 | SOBRE ICONICIDADE

Há muito venho desenvolvendo estudos sobre a iconicidade. Inicialmente realizei uma pesquisa na semiótica das imagens, trabalhando com livros sem legenda como caminho para aquisição da escrita. Para tanto tive de adentrar pelos estudos semióticos de modo a obter subsídios para uma análise mais apurada do diálogo entre o texto de imagens e o texto verbal resultante. Isso porque meu laboratório foi desenvolvido com crianças com dificuldades de alfabetização, já submetidas mais de uma vez aos métodos tradicionais que partem das letras, das sílabas, das palavras ou das sentenças, sem, no entanto, obterem sucesso.

Decidi seguir outro caminho: realizar a aquisição da escrita a partir do contato com livros de imagens. Os desenhos que compunham as imagens eram correlacionados com os desenhos dos nomes das figuras. Dessa forma, as crianças eram levadas a “desenhar palavras” com a mesma desenvoltura que desenhavam bolas, casas, flores etc.

Trabalhando a correlação entre imagem e palavra, as crianças foram adquirindo a escrita e, passo a passo, percebendo e deduzindo semelhanças e diferenças no traçado das palavras, a partir do que chegaram sozinhas à silabação, passando então a desenhar outras palavras por conta própria. Por exemplo, a partir de *bola* e *bala*, chegaram a *bolo* e *bule*, notando que a semelhança de sons correspondia à identidade dos desenhos. Mais detalhes sobre esse projeto está disponível no livro *Semiótica & ensino: letramento pela imagem* (SIMÕES, 2017). A partir do resultado obtido, mergulhei nos estudos semióticos e, muito particularmente, na iconicidade, sobre a qual versará nossa apresentação.

3 | EM QUE CONSISTE A ICONICIDADE?

Primeiramente é preciso relembrar prolegômenos do estudo do signo segundo Charles Sanders Peirce (EUA, 1839-1914), que deu importantes contribuições para a filosofia, para a matemática e para a lógica. Sua teoria geral dos signos, ou Semiótica, foi desenvolvida como uma tentativa de descobrir a lógica que fundamenta as nossas concepções do real e como o conhecimento evolui com base no compartilhamento e na discussão de opiniões no seio de uma comunidade. O estudioso empenhou-se na produção de uma teoria que servisse de ferramenta de análise para qualquer ciência. Segundo Romanini (2016, p. 14), “o pragmatismo – seu [de Peirce] maior legado para a filosofia – foi por ele definido como um método para clarear nossas ideias a partir da análise dos possíveis efeitos que a adoção de um conceito (uma crença) poderia produzir.” Esse foi o caminho de geração da semiótica peirceana, a que definiu inicialmente como a ciência do signo e, posteriormente, como a ciência da semiose, ou da significação. Veja-se o que diz Peirce:

Em seu sentido geral, a lógica é, (...) apenas um outro nome para a semiótica (σημειωτική), a quase-necessária, ou formal, doutrina dos signos. Descrevendo a doutrina como “quase necessária”, ou formal, quero dizer que observamos os caracteres de tais signos e, a partir dessa observação, por um processo que não objetarei denominar de abstração, somos levados a afirmações, eminentemente falíveis e por isso, num certo sentido, de modo algum necessárias, a respeito do que *devem ser* os caracteres de todos os signos utilizados por uma inteligência “científica” (PEIRCE, 1990, P.45).

Esse excerto vem a corroborar o que está anteriormente afirmado como uma teoria que servisse de ferramenta de análise para qualquer ciência, quando o pai da semiótica fala de inteligência científica.

Seu estudo divide e classifica os signos em tricotomias. Destas nos interessa para o momento a segunda tricotomia, que trata da relação do signo com seu objeto a qual consiste no fato de o signo ter algum caráter em si mesmo, ou manter alguma relação existencial com esse objeto em sua relação com um interpretante (cf. PEIRCE, 1990, p. 51). Segundo essa tricotomia, um signo pode ser denominado *ícone, índice ou símbolo*.

O ícone é um signo que se refere ao objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, os quais ele possui quer o tal objeto realmente exista ou não. Assim para representar o mar, temos como ícone as cores azul ou verde, dependendo da incidência de luz sobre o oceano. Da mesma forma, temos a imagem hipotética de um ser metade mulher e metade peixe, a que denominamos sereia; tal imagem é o ícone de um ser fictício.

O índice é um tipo de signo que se refere ao objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por ele, seja por contiguidade, por causalidade etc. Por exemplo a expressão “onde há fumaça há fogo” traduz a relação indicial (causal) entre fumaça e fogo.

O símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, de uma convenção, a qual gerencia uma associação de ideias no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto. Ilustrando, as palavras são signos simbólicos, pois há uma convenção linguística que os determina. Não é dado ao falante o direito de substituí-los, conforme a arbitrariedade do signo ensinada por Saussure. É arbitrário no que se refere à sequência de fonemas que constitui o vocábulo, porém, uma vez criado, não poderá mais ser substituído. Um exemplo prático de símbolo é a balança da justiça, que não pode ser substituída por um carro, por exemplo. (cf. SAUSSURE, 1974, p. 81-82).

Vamos à explicação de Peirce;

Há três classes de signos. Em primeiro lugar, há semelhanças ou ícones; que servem para transmitir ideias das coisas que representam simplesmente imitando-as. Em segundo lugar, há indicações ou índices; que mostram algo sobre as coisas por estar fisicamente conectados com elas. (...) Em terceiro lugar, há símbolos, ou signos gerais, que foram associados com seu significado pelo uso. Tais são a maior parte das palavras, e as frases, e o discurso, e os livros, e as bibliotecas (PEIRCE [1894] apud UXÍA RIVAS, 1999).

Desses tipos sígnicos, o que mais nos interessa é o ícone, a partir do qual venho elaborando a Teoria da Iconicidade Verbal (SIMÕES, 2009/2019).

Vamos à definição da iconicidade:

Trata-se de uma propriedade semiótica fundada na plasticidade — propriedade da matéria de adquirir formas sensíveis por efeito de uma força exterior (SIMÕES, 2017, p. 49). Tal atributo pode ser estendido ao plano abstrato, uma vez que a capacidade cognitiva humana confere à faculdade da imaginação a condição de uma fábrica de imagens de entes e seres reais ou fictícios. Nessa linha de raciocínio, torna-se possível aplicar a iconicidade em níveis concretos e abstratos. No nível concreto, verifica-se a iconicidade diagramática — sintagmática e paradigmática; no nível abstrato, observam-se as modalidades imagética e metafórica (SIMÕES, 2019, p. 91-92).

Assim sendo, a iconicidade pode ser identificada em textos verbais, não verbais e híbridos. Nos verbais, podem-se identificar palavras e expressões-chave que concentram a unidade isotópica do texto, entendendo-se por isotopia o recorte temático de que trata o texto. Nos textos não verbais e híbridos, a iconicidade pode ser apontada tanto em palavras e expressões como em formas, cores, posições, relações etc.

No texto verbal, o modo, o tempo e a pessoa do verbo, os processos sintáticos, podem ser signos icônicos, assim como a lua num texto imagético pode ser ícone de paisagem noturna, em oposição ao sol que evocaria uma cena diurna.
Ilustrando

Quadrilha (Carlos Drummond de Andrade)

João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém. João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou

para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história.

Neste poema a iconicidade se constrói em dois níveis:

1. Na sucessão de períodos **subordinados** formando a grande roda da dança da quadrilha.
2. A mudança para períodos **coordenados** que sugerem o caminho da roça, quando a roda se desfaz, e os sujeitos dirigem-se cada um a seu destino.

A isotopia ou recorte temático: a dança da quadrilha

Numa rápida síntese, a iconicidade é uma base teórica que auxilia a compreensão dos textos a partir da identificação de signos-chave que orientam (ou desorientam, no caso de textos falaciosos) o leitor no percurso textual.

O texto é um tecido de signos, dentre os quais uns se destacam por sua força de significação, esses são os signos-chave que podem ser icônicos (quando mantêm relação de semelhança com o seu objeto) ou indiciais, quando a relação decorre de contiguidade (ex. nuvens negras como sinal de chuva iminente) ou causalidade/consequência (ex. calor e suor). No verbal, os índices são fáceis de identificar como é o caso dos pronomes dêiticos, da relação entre os demonstrativos e as pessoas do discurso etc. Por esse caminho já podemos acenar com o outro componente teórico dessa apresentação: a multimodalidade.

4 | SOBRE MULTIMODALIDADE

Levando em conta que a maior parte das informações que absorvemos vem pelo sentido da visão, seja observando um objeto, seja lendo um texto verbal ou não verbal, geralmente são os olhos que nos conectam ao mundo exterior e nos permitem assimilar novos conhecimentos. Por isso, os estímulos visuais são tão importantes na sala de aula, eles não apenas despertam o interesse e a curiosidade dos alunos, mas também podem ajudar os estudantes a reter melhor os conteúdos.

As aulas convencionais sempre privilegiaram os textos verbais, por isso as aulas de linguagem se apoiavam nas antologias (coleção de textos escritos, em prosa ou verso, normalmente por autores variados). Só a partir dos anos de 1970 é que os livros em geral, e os didáticos, em especial, passaram a trazer ilustrações, passando a ser inclusive coloridos. No tempo das antologias, o aluno nem sempre se sentia estimulado a enfrentar o texto, pois a ausência de ilustrações dava ao livro um tom sério que para alguns era desanimador.

Os olhos são as janelas pelas quais observamos e absorvemos as coisas do mundo que nos cerca; assim lemos o mundo. Quanto mais coloridas e detalhadas as imagens, mais ricos são os conhecimentos que acumulamos pela observação.

Hoje, os estudos sobre a multimodalidade vêm esclarecer o porquê de a ilustração ser tão relevante na construção de leitura. Veja-se o que se entende por multimodal e multimodalidade.

Trago de outro de nossos estudos o seguinte excerto:

A nosso ver, *multimodal*, no sentido inicial da palavra, é aquilo que se apresenta de diversos modos. Buscando a lição do dicionário, encontramos:

Multimodal (adjetivo de dois gêneros) caracterizado por um modo particular de ocorrência, execução, categorização etc.; multimodo (...). [HOUAISS, s.u.]

Em se tratando de linguagem, a *multimodalidade* é a potencialidade de utilização exaustiva do múltiplo potencial humano de comunicação. A multimodalidade se traduz na manifestação, ou pura exteriorização, desde o balbucio, passando pelo gesto, pelos sons produzidos (choro ou voz), pela capacidade de representação de ideias por meio do desenho, da pintura, da fotografia, da música, da dança, do teatro, do cinema, enfim, a comunicação humana é originariamente multimodal. (SIMÕES, 2019)

Com base nisso, vê-se a variedade de modos como sendo a representação de ideias por signos de diversa natureza, dando espaço para os textos escritos, orais, musicais, cinematográficos etc.

São multimodais os textos que carregam em si mais de um modo de representação. Observe-se que o texto verbal (oral ou escrito), só há pouco tempo, passou a ser entendido como uma construção multimodal, porque precisa de signos diferenciados para sua elaboração, pois, para além das letras maiúsculas e minúsculas e dos diacríticos, tem uma diagramação, uma distribuição na folha de papel etc. Tudo isso é significativo, portanto, é signo.

No entanto, como é indispensável que o aluno esteja atento ao conteúdo das aulas, nada mais estimulante que as imagens (figurativas ou não) como iscas da atenção. Isso porque as imagens do texto não verbal contêm o traçado, a cor, a posição, as relações entre as figuras, entre outros dados. Como gêneros híbridos (com mais de um código ou linguagem), temos os vídeos, os games, as charges, o cartum, as histórias em quadrinhos etc. Em meio a essa variedade, para essa apresentação elegi as tirinhas.

Por que escolhi a tirinha? Como essa apresentação tem um tempo limitado, penso que a tirinha dá a oportunidade de uma análise mais completa por se tratar de um gênero curto. Além disso, como o tema de minha fala é iconicidade nos signos multimodais, considero o gênero eleito bastante produtivo tanto no que concerne à multimodalidade quanto à iconicidade.

5 | O GÊNERO TIRINHA

O que é a tirinha? Trata-se de um gênero textual multimodal constituído de uma sequência de um a quatro quadros, com personagens fictícias que representam construções mais ou menos estereotipadas da condição humana. Costuma abordar assuntos filosóficos, políticos e sociais ou de entretenimento. A tirinha possui quase sempre uma piada curta, promovendo quebra de expectativa no processo interpretativo.

A tirinha é um gênero multimodal porque, em geral, reúne imagens e textos verbais. A presença de mais de um código exige habilidades de leitura específicas.

Roxane Rojo (2009) propõe o termo *multiletramento*, cujo sentido remete à capacidade do indivíduo de dominar a leitura e a escrita relacionadas às mídias contemporâneas. Nas palavras de Rojo, “Toda semiótica é semiótica multimidiática e todo letramento é letramento multimidiático.”

Simões e Oliveira (2021, p. 37) fazem a seguinte observação:

Em *Multimodality. A social semiotic approach to contemporary communication*, Gunther Kress (2010) discorre sobre a operação coadjuvante de escrita, imagem e cor, produzindo, desse modo, tipos semióticos distintos. Cada um deles apresenta distintos potenciais de significação e, nesse caso, a imagem pode ter vantagem sobre a escrita. Esse é o argumento para tomar a multimodalidade como o estado normal da comunicação humana.

Assim sendo, uma das condições indispensáveis para o entendimento de um texto multimodal é “a prática permanente do exercício semiótico que consiste em decifrar os inumeráveis significados e sentidos de tudo aquilo que nos rodeia.” (BLIKSTEIN, 2020, p. 40).

O gênero tirinha consegue reunir, em pequenos espaços, signos variados, representantes de diversas linguagens, promovendo assim o exercício multissemiótico de leitura e compreensão. Esse exercício é uma das consequências do mundo pós-digital, o que decorreu do avanço da comunicação via internet que facilitou o acesso a um sem-número de textos da mais variada natureza: vídeos, charges, cartum, blog, site etc.

O acesso diversificado ao mundo digital gerou o contato com a hipermídia, que é uma mídia de leitura não linear que contém imagens, sons, texto e vídeo (multimídia) como elementos de um sistema que propiciou o trabalho com as tirinhas, as quais são disponibilizadas em diversos sites e podem ser lidas em seus originais coloridos sem despesas extraordinárias, como a aquisição de revistas e jornais, por exemplo.

Como um texto híbrido, ou sincrético, as tirinhas se enquadram no universo dos textos multimodais. Caracterizadas pela presença de múltiplas semioses em sua composição, demonstram que a sociedade se reorganiza por meio de suas formas de comunicação. A multissemiiose, cujos estudos tiveram início em *Social Semiotics*, Hodge & Kress (1988), em que os estudiosos buscam analisar os distintos modos semióticos que passaram a acompanhar o texto verbal ou figurar nos textos híbridos. Nesse cenário, o texto sincrético chega ao apogeu, e nesse cenário enquadram-se as tirinhas.

Defino textos híbridos ou sincréticos como *os que amalgamam diversos sistemas de linguagem que se articulam em prol de uma comunicação mais completa*. A estes se adjunge a multimodalidade, que já definimos como potencialidade de utilização exaustiva do múltiplo potencial humano de comunicação, isto é, aplicação de todos os códigos ou linguagens disponíveis para a expressão e comunicação humanas.

A multimodalidade sempre existiu. O homem da caverna associava aos seus grunhidos os desenhos rupestres para relatar suas experiências de caça, pesca etc., a arte rupestre hoje tão cara à arqueologia. Veja-se o que diz Sousa (2006, p. 129):

O ser humano é um ser eminentemente social. Nos primórdios da humanidade, os homens agregavam-se em pequenos grupos tribais e necessitavam de comunicar uns com os outros para garantir a sua sobrevivência. Quando o homem pintava as paredes das cavernas evidenciava a necessidade de comunicar que advém do pensamento complexo.

Segundo Sousa, o homem sempre teve a necessidade de procurar formas de comunicar aos seus semelhantes suas descobertas e as histórias socialmente relevantes de que tinham conhecimento. “As necessidades de sobrevivência e de transmissão de uma herança cultural não seriam alheias a essa necessidade” (2006, p. 144).

É ainda Souza (2006, p.26) quem afirma que, “Ao contrário da informação, a comunicação é mais eficaz quanto mais significados proporcionar, ou seja, quanto mais polissêmica for e quanto mais sensações e emoções despertar”. Eis que desponta a importância da multimodalidade. Comunicar a experiência com palavras é necessário, mas assessorar essa comunicação com imagens, sons, cores, movimentos etc. faz com que as mensagens se tornem mais ricas e mais acessíveis a um público mais amplo.

Com o avanço dos meios de produção da comunicação, surgem as revistas ilustradas e, mais à frente, nascem os quadrinhos.

Nascidas e expandidas pelo surgimento da imprensa e do jornal, as histórias em quadrinhos conquistaram sua autonomia e ampliaram seu alcance, adentrando, inclusive, o cinema. As diversidades estéticas e temáticas solidificaram a força do gênero. Popularmente, os quadrinhos mais conhecidos são norte-americanos e ficcionais, entretanto, há obras representando fatos históricos ou propondo releituras de textos anteriores, entre outras possibilidades¹.

O subgênero multimodal *tirinhas* se caracteriza pela predominância da linguagem visual como recurso comunicativo, no qual as cenas individuais são postas em sequência para construir-se um movimento narrativo.

Com base nas ideias de Kress (2004) e Rojo (2011), o gênero multimodal lida com dois ou mais recursos semióticos na sua formação textual. Palavras e imagens são recursos comunicativos que dialogam na produção das HQ. Por isso, elegemos o subgênero tirinha para demonstrar como funcionam a iconicidade e a multimodalidade, teorias que dão suporte a essa apresentação.

6 | O MUNDO MULTIMODAL E ICÔNICO DAS TIRINHAS

Em se tratando de um universo de imagens, eventualmente combinadas com textos verbais, as tirinhas favorecem o exercício da leitura multissemiótica, uma vez que permitem

¹ In <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/historia-historia-quadrinhos.htm> Acesso em 18.setembro.2021

o contato do leitor com signos de diversa natureza. Cores, formas, posições e relações são identificáveis nas tirinhas e, desses signos, podem-se depreender valores a partir dos quais são construídas as mensagens das curtas histórias. O gênero histórias em quadrinhos faz parte da vida de crianças e adultos, e o subgênero tirinhas é recurso pedagógico de alta produtividade, pois provoca a leitura multissemiótica.

Segundo Greimas (GREIMAS; COURTÉS: 2008, p. 290), uma leitura multimodal, semiótica, deve ir além de uma análise que vise a caracterizar as linguagens quanto “à natureza dos signos, em função de sua relação com o referente, segundo a substância de seu significante ou segundo os canais de transmissão”. Deve interpretar a relação construída por esses signos no contexto em que se apresentam.

Exemplificando:



Figura 1 - Mafalda, tirinha de Quino.

Figura 1 - In <https://tribunadejundiai.com.br/wp-content/uploads/2020/09/EjLvezLWAAAS10b.jpg> Acesso em 13.setembro.2021

Embora em preto e branco, essa tirinha promove um diálogo a partir da proporção das figuras. Mafalda (personagem maior) pergunta à menininha (personagem menor) qual é seu nome e se surpreende com a resposta: Liberdade. Também os balões de comentário se opõem quanto ao tamanho: no quadro 1, tem-se um balão com três enunciados; enquanto no quadro 2, o enunciado é único e se compõe de apenas uma palavra.

Observe-se que há uma crítica política na relação de proporção entre as personagens e respectivos balões, mostrando quão pequena é a liberdade.

Vejam um novo exemplo:



Figura 2 - Tirinha sobre educação emocional, com Armandinho.

Figura 2 - In <https://educador360.com/wp-content/uploads/2018/12/7-tirinhas-educacao-socioemocional.jpg> Acesso em 13.setembro.2021

Estudiosos das cores - In <https://www.significados.com.br/teoria-das-cores/> Acesso em 18.setembro.2021

Nessa tirinha, temos a interação entre uma criança (Armandinho) e um adulto (a mãe) sob a observação de um sapinho. A iconicidade se instala a partir dos tamanhos e posições das duas personagens humanas. A mãe explica ao filho que as pessoas não têm tempo para pensar; e isso causa pena no menino que contra-argumenta, dizendo que, se pensassem, teriam tempo. A terceira personagem, o sapinho, acompanha as falas com olhar atento.

As cores também são código semiótico a observar. O emprego das cores soma-se aos seus significados potenciais, definidos por estudiosos das cores.

Lendo as cores, temos a criança bem colorida, representando seu mundo pleno de imaginação, em contraponto com o adulto cuja seriedade é gravada em nuances monocromáticas entre azul e lilás. O sapinho é verde sugerindo a natureza, e a ingenuidade e esperança dessa personagem. O verde é uma cor que harmoniza qualquer ambiente; ao passo que o vermelho do short do menino é uma cor quente, que transmite muita energia, ao lado de sua camisa na cor laranja, que resulta da mistura de vermelho e amarelo, cor que transmite alegria e vitalidade. Estas são as cores do menino. A personagem adulta, a mãe, pintada em lilás, cor obtida através da mistura de azul e vermelho, costuma transmitir melancolia. Mesmo incompleta, a figura da mãe se mostra melancólica pelas cores (azul e lilás) e por sua fala.

Quanto às posições, embora a criança esteja em posição inferior à mãe, aquela demonstra mais sabedoria pelo seu raciocínio, graças aos balões de comentário. A reflexão da criança, no quadro 3, dialoga com o colorido de sua imagem: uma sábia conclusão.

Mais uma tirinha.



Figura 3 - Mônica e Cebolinha

Figura 3 - In <https://escolaeducacao.com.br/wp-content/uploads/2019/07/emplo-tirinhas-turma-da-monica-1024x364.jpg> Acesso em 13.setembro.2021

Coelho de pelúcia azul - In <https://monica.fandom.com/pt-br/wiki/Sans%C3%A3o> Acesso em 13.setembro.2021

Uma tirinha muito colorida, como é característica das criações de Maurício de Sousa. Nessa historinha, surgem as interjeições com valor onomatopaico, representando no primeiro quadro: (1) snif – o choro da Mônica; (2) hê, hê, hê – a intenção maldosa de Cebolinha; (3) chunf – o fungar do choro da Mônica. Também os olhos das personagens são muito expressivos: Mônica, nos quadros 1 e 2, tem olhos tristes; Cebolinha, no quadro 1, tem um olhar perverso, e no quadro 2 um olhar de espanto. No quadro três, as duas personagens estão sentadas juntas, e o olhar da Mônica é de espanto enquanto o de Cebolinha é de alegria e cumplicidade, pois diz que vai esperar a tristeza dela passar para poder fazer sua costumeira provocação.

A terceira personagem na tirinha é o coelhinho Sansão, da Mônica, que aparece sentado ao seu lado nos quadros 1 e 2, e ao lado de Cebolinha no quadro 3. Os olhos do coelhinho, apesar de ser um boneco, mostram-se assustados nos três quadros, com uma diferença no olhar do quadro 1, em relação aos 2 e 3.

Nessa tirinha, as cores são relevantes, são icônicas. Observem-se as cores de fundo: *amarelo* no quadro 1 representando energia; *azul* no quadro 2, representando espanto, e *rosa*, no quadro 3, significando delicadeza. Interessante notar que até o gramado muda de tom. No quadro 1, ele está em verde escuro, sugerindo certa seriedade ou circunspeção. Nos quadros 2 e 3, o gramado ressurgem em verde claro, que sugere harmonia no ambiente, leveza e boas energias. Quanto ao coelhinho, ele é azul porque reproduz o coelhinho que a Mônica (filha de Maurício de Sousa) ganhou aos sete anos de idade: um coelho de pelúcia azul.

Vale acrescentar que as cores, posições e relações entre as personagens e o cenário também compõem a iconicidade das imagens.

A iconicidade é qualidade imagética dos signos e funciona como elemento orientador ou desorientador da leitura. Nas tirinhas analisadas, os dados que as constituem apresentam iconicidade orientadora, pois conduzem o leitor à produção do significado do

texto, que se mostra monossêmico.

Outra tirinha.



Figura 4 - Turma do xaxado. Antonio Cedraz.

Figura 4 - In <https://3.bp.blogspot.com/-pDyvHKf2Jok/TY0ZtwqMIAI/AAAAAAAAAOGfjODv5EXMCGc/s1600/TIRA%2B1093.jpg>

O quadro 1 contém duas personagens, em que uma obtém folhas — coentro, hortelã, salsa e cebolinha — trazidas num cesto pela outra. No quadro 2, surgem duas novas personagens — um porco e um frango — que, observando a personagem que manuseia as folhas que adquiriu, o porco diz: - se não for banho de folha, é melhor a gente dar no pé. O elemento desorientador é a expressão *banho de folha*, pois não é qualquer leitor que conhece essa expressão típica da roça, indicada pelas vestes simples das personagens como ícones do cenário do campo.

Uma última tirinha.



Figura 5- Projeto Albatroz.

Figura 5- In <https://projetoalbatroz.org.br/upload/paginainfo/2017/11/1282/big/tirinha-4-portugues-albatroz.jpg>

Retomando o preto e branco, observa-se a iconicidade no movimento do albatroz, indicado pelas linhas desenhadas após suas imagens nos quadros 1 e 2, nos quais o pássaro está pairando sobre o mar. No entanto, a fala do quadro três gera o tom cômico, pois o albatroz, a despeito do seu *senso de direção impressionante* (mencionado no quadro

1), mostra-se pousado num rochedo, reclamando da perda do sinal de seu gps. Numa primeira olhada, o quadro 3 parece o fim de uma jornada (primeira hipótese), todavia, a fala reclamante do pássaro indica que ele perdeu seu itinerário. No quadro três, a iconicidade decorre do diálogo entre a figura do pássaro pousado e o balão de comentário. Nesse caso, o quadro 3 se opõe ao quadro 1 no que diz respeito ao arguto senso de direção do albatroz, e o gps seria o ícone desorientador, pois, em tese, o pássaro não necessitaria de um gps.

7 | PARA CONCLUIR

Retomo aqui a noção de multimodalidade como sendo a reunião de mais de um tipo de signos que se articulam na produção de uma mensagem. As tirinhas são pródigas em relação à multimodalidade, uma vez que elas, em sua maioria, reúnem textos verbais e não verbais.

As tirinhas mostram-se produtivo material para as aulas virtuais (ou mesmo presenciais), pois além de sua riqueza sónica, representam o mundo cotidiano dos estudantes que vivem diuturnamente em contato com a comunicação digital, povoada pelos textos multimodais.

A questão da iconicidade no universo das tirinhas é uma forma de educar a atenção dos estudantes para uma leitura mais atenta, pois cada traço, cada cor, cada gesto, cada balão de comentário, representa algo relevante na construção do gênero tirinha.

Recomendo, por fim, uma pesquisa sobre o significado das cores, sobre as interjeições e onomatopeias, assim como sobre os diversos tipos de tirinhas que se encontram disponíveis nos sites digitais, para exercitar a análise nos moldes aqui apresentados.

REFERÊNCIAS

BLIKSTEIN, I. *Semiótica e totalitarismo*. São Paulo: Contexto, 2020.

HODGE, R.; KRESS, G. *Social semiotics. Thrid printing*. Great Britain Padstow, Cornwall.: TJ Press, Cornell Paperbacks, [1988] 1995.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PEIRCE, C. S. ¿Qué es un signo? Traducción castellana de Uxía Rivas, 1999. Disponível em: <<http://www.unav.es/gep/Signo.html>>. Acesso em: 27 maio 2019.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos. A Escola e a Inclusão Social*. São Paulo: Parábola, 2009.

ROMANINI, V. A contribuição de Peirce para a teoria da comunicação. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*. v.14, n.1, São Paulo, 2016. 13-56.

SAUSSURE, F. D. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por C. Bally e A. Sechehaye, colab. de A. Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 1974.

SIMÕES, D. Iconicidade Verbal: Teoria e Prática. Edição online. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

SIMÕES, D. Semiótica & Ensino - uma Proposta. Alfabetização pela imagem. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017.

SIMÕES, D. Multimodalidade e inteligências múltiplas nas aulas de Língua Portuguesa. Revista Polyphonia. v. 29 n. 2 (2018), Goiânia, 08 fevereiro 2018.

SIMÕES, D. Para uma teoria da iconicidade verbal. Campinas: Pontes, 2019.

SOUSA, J. P. Elementos de teoria e de pesquisa da comunicação e da mídia. Porto: <http://www.bocc.ubi.pt/>, 2006.

ANÁLISE DE VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA LIBRAS

Data de aceite: 01/08/2022

Myrna Salerno Monteiro

Professora de Libras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1 - 06 de julho 2017.

RESUMO: Este artigo descreve alguns estudos e achados sobre possíveis variações linguísticas em alguns sinais da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Para que as variações sejam compreendidas, o artigo apresenta um rápido estudo sobre certos aspectos linguísticos da Libras, tais como o conceito de cultura e de comunidade surda, uma breve história das línguas de sinais, as primeiras pesquisas no Brasil sobre Libras, os primeiros parâmetros fonológicos propostos para a língua de sinais e os parâmetros que são atualmente utilizados para a descrição da Libras. São apresentadas e analisadas tanto variações diatópicas quanto variações diastráticas encontradas em Libras. Foram encontradas variações nos sinais usados nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro para a cor BRANCA; nos sinais TRISTE, em São Paulo, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul; nos sinais MAS e VERDE, em São Paulo, no Paraná e no Rio de Janeiro; nos sinais VIAJAR, em São

Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Todos esses sinais apresentam variantes regionais no nível fonológico. Também são analisados os sinais ROUBAR e SEXO, que são variações encontradas em diferentes camadas sociais, sendo destacada a forma mais educada de apontar em certos sinais. Para análise das variações são descritos os parâmetros fonológicos de cada sinal. Os parâmetros adotados neste estudo são aqueles propostos por Stokoe em 1960, a saber, Configuração de Mãos (CM), Localização (L), Movimento (M), juntamente com Orientação da mão (Or) e Expressões Não-Manuais (ENM), que foram propostos por Battison, em 1974, como complementação aos anteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Libras, Gramática da Libras, Variação linguística da Libras.

ABSTRACT: This article describes some studies and findings on possible linguistic variations in some signs in Brazilian Sign Language - Libras. In order to understand these variations, we also describe the concept of culture and deaf community, a brief history of sign languages, the first researches about Libras in Brazil, the first phonological parameters proposed for the language of Signs and parameters that are currently used for the description of Libras. Both diatopic variations and diastronic variations found in Libras are presented and analyzed. Variations were found at the states of São Paulo and Rio de Janeiro on the sign BRANCO (*WHITE*, in English); on the signs TRISTE (*SAD*), in São Paulo, Rio de Janeiro and Mato Grosso do Sul; on the signs MAS (*BUT*) and VERDE (*GREEN*), in São Paulo, Paraná and Rio de Janeiro; on the

VIAJAR (*TRAVEL*) signs, in São Paulo, Rio de Janeiro and Minas Gerais. All these signs present regional variants at the phonological level. The ROUBAR (*STEAL*) and SEXO (*SEX*) signs, which are variations found in different social strata, are also analyzed, highlighting the more educated way of pointing when using certain signs. To analyze the variations, the phonological parameters of each signal are described. The parameters adopted in this study are those proposed by Stokoe in 1960, namely Hand Configuration (CM), Localization (L), Movement (M), along with Hand Orientation (Or) and Non-Manual Expressions (NMS), which were proposed by Battisom in 1974 as a complement to the previous ones.

1 | INTRODUÇÃO

Muitos pesquisadores têm se dedicado ao estudo das línguas de sinais no Brasil e no mundo. Isso faz com que a cada dia novas descobertas surjam para melhor compreensão e fortalecimento das línguas de sinais e cultura da comunidade surda.

Este artigo descreve alguns artigos e achados sobre possíveis variações linguísticas em sinais da Libras em alguns sinais.

Com base em obras de Stokoe (1960), Ferreira-Brito (1995), Felipe e Monteiro (2008), Quadros e Karnopp (2004), Skliar (1999), Quadros e Karnopp (2004), Skliar (1999), Strobel e Fernandes (1998) foram descritos aspectos relacionados à cultura e à estrutura da Libras.

2 | CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

2.1 Breve histórico sobre a Libras

A Libras, assim como as línguas orais, é uma língua espontânea na interação da comunicação entre os surdos brasileiros. Como toda língua de sinais, a Libras é uma língua de modalidade gestual-visual que utiliza como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais, percebidos pela visão. Portanto, diferencia-se da Língua Portuguesa, pois esta utiliza um canal articulatorio diferente e é percebido pelo meio auditivo e produzido pela fala. Mas as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes - estão também nas estruturas gramaticais de cada língua. Antes de 1980 não havia registros que comprovem que a Língua Brasileira de Sinais existia de forma natural nas comunidades linguísticas de pessoas surdas. As pesquisas sobre a Libras no Brasil foram avançando ao longo dos anos. Por exemplo, desde 1987, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desenvolve pesquisas sobre Linguagem e Surdez. Nessa universidade, as pesquisas tiveram início com a professora Lucinda Ferreira Brito com vistas à descrição da estrutura da língua de sinais por meio da elaboração de um projeto de pesquisa (Língua de Sinais Centro-Urbanos Brasileiros - LSCB) visando à produção de um dicionário analisando a estrutura da língua em seus níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático (FERREIRA-BRITO, 1995).

No Brasil, as comunidades surdas urbanas utilizam a Libras, mas, além dela, há registros de outra língua de sinais que é utilizada pelos índios Urubus-Kaapor na Floresta Amazônica (FELIPE; MONTEIRO, 2008).

Atualmente no Brasil a Libras tem sido reconhecida e também ensinada nos cursos de magistérios, Ensino Médio e Ensino Superior, e nos cursos de formação de fonoaudiólogos, conforme legaliza o Decreto 5.626/2005.

2.2 Estrutura Gramatical da Libras

Como língua, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), é composta por todos os componentes pertinentes às línguas orais, como fonologia de sinais, às vezes também chamado de quirologia (que estuda os sinais feitos com as mãos), morfologia (trata da palavra/sinal ou item lexical), sintaxe (estudo das estruturas, frases), semântica (estudo dos significados) e pragmática (trata do uso dos sinais na transmissão de ideias).

Os três aspectos de sinais encontrados por Stokoe, pioneiro com pesquisas sobre Língua de Sinais Americana em 1960, foram: Configuração de Mãos (CM), Localização (L) e Movimento (M). Mais tarde, outros estudiosos, como Battison em 1974 e 1978 (BATTISON *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004), incluíram também a Orientação da mão (Or) e os Expressões Não-Manuais (ENM), que são algumas expressões faciais, nos estudos da fonologia de sinais.

A Configuração da Mão (CM), segundo Brito (1995), é entendida como as diversas formas que uma ou as duas mãos tomam na realização do sinal e que não se restringem às formas das mãos correspondentes ao alfabeto manual, isto é, aos sinais que correspondem às letras do português. Ferreira-Brito, de acordo com Langevin, registrou 46 CMs, conforme ilustra o quadro 1. Felipe e Monteiro registram 64 CMs conforme ilustra o quadro 2 abaixo.



Quadro 1 - Configuração de mãos (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 220)



Quadro 2 – Configurações de Mãos (FELIPE, TANYA, Dicionário da Libras Versão 2.0, 2005)

A Locação (L) ou Ponto de Articulação (PA) é definida como o local em frente do corpo ou numa região do próprio corpo onde os sinais são articulados. O Movimento (M) é um parâmetro bastante complexo, podendo envolver uma grande quantidade de formas e direções.

A Orientação das Mãos (OR) está relacionada à orientação da palma da mão. Ela não foi considerada como um parâmetro distinto no trabalho inicial de Stokoe, mas depois foi incluído por Battison em 1974 (BATTISON *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004). A Orientação é a direção para qual a palma da mão aponta na produção do sinal.

As Expressões Não-Manuais (ENM) estão ligadas a algumas expressões faciais que têm sido observadas, pois estão associadas a alguns sinais e são necessárias à boa formação do sinal. Configurações faciais próprias das línguas de sinais como as bochechas infladas, no sinal GORD@, são um tipo de expressão não manual.

A produção de um desses parâmetros de forma diferente pode modificar o significado do sinal. Podemos citar alguns exemplos de pares mínimos: SORRISO e QUEIJO, a mesma CM e a mesma L, o que difere são os movimentos distintos. Outro exemplo, DESCULPAR e AZAR, a mesma CM e o mesmo M. Locações são distintas.

A estrutura de sentenças do Português é convencionalizada pela estruturação básica de S (Sujeito) V (Verbo) e O (Objeto). Em Libras, a estrutura pode ser SVO ou sofrer alteração para OSV ou SOV.

Muitas pessoas podem acreditar que os sinais usados na Libras sejam como desenhos daquilo que representam feitos com as mãos. Entretanto, embora alguns sinais sejam, de fato, uma representação que tem características do significado que pretendem expressar, em geral, os sinais da Libras não mantêm relação com seu referente. Uma prova disso é que Línguas de Sinais em países diferentes usam sinais diferentes para os mesmos objetos, assim como as línguas orais usam palavras diferentes para expressar, por exemplo, os conceitos de casa, livro, árvore, trem, avião.

Uma fotografia é icônica porque reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa fotografada. Assim também são alguns sinais da LIBRAS, gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. Isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios sinais, convencionalmente. (FERREIRA BRITO, 1993, p. 92)

Para exemplificar, os seguintes sinais são icônicos: TELEFONE, CASA, BOLA, CADEIRA. Muitos sinais da Libras são arbitrários, no sentido de não serem icônicos, e não mantêm semelhança com o significado do que representam. Por exemplo, os seguintes sinais arbitrários: CONHECER, PRECISAR, BILINGUE, AMIG@.

2.3 Variações Linguísticas:

Variações linguísticas podem ser regionais ou sociais. São chamadas *Variações diatópicas* as encontradas em diferentes regiões geográficas. *As variações diastráticas* são as diferenças encontradas em diferentes segmentos da estrutura social. *Dialetos Regionais* ocorrem nas regiões geográficas. *Dialetos Sociais* são os que ocorrem em grupos sociais.

As variações linguísticas ocorrem no próprio sistema lexical: fonológico, morfológico e sintático. Por exemplo, em português ocorrem as seguintes variações regionais no nível lexical: Mandioca (SP) X Aipim (RJ) X Macaxeira (NE); Abóbora (Sudeste) X Gerimum (NE); Semáforo ou Farol (SP) X Sinal (RJ). Na língua portuguesa também são encontradas as seguintes variações sociais: *Problema X Poblema X Ploblema; Flamengo X Framengo*. Também se encontram variações em expressões como: *Eu o vi ontem X Eu vi ele ontem; Isto é para eu fazer X Isto é para mim fazer; Nós compramos um livro X A gente comprou o livro; A gente compramos o livro*.

Neste trabalho apresentamos e analisamos algumas variações diatópicas e variações diastráticas encontradas em Libras. Os sinais selecionados foram: cor BRANCA, TRISTE, MAS, VERDE e VIAJAR que apresentam variantes regionais no nível fonológico, e os sinais ROUBAR e SEXO, que são variações sociais. Também foi destacada a forma mais educada de apontar em certos sinais.

3 | METODOLOGIA

As variações linguísticas apresentadas neste trabalho foram observadas em viagem

feita a três estados brasileiros no ano de 1995 quando foram entrevistados os surdos dos estados São Paulo, Rio de Janeiro. Foi um total de 40 surdos sendo 20 homens e 20 mulheres.

Havia um grupo com idades entre 20 e 25 anos, outro grupo com 26 a 30 anos e um terceiro grupo com pessoas acima de 30 anos. Para cada grupo, foi solicitado que eles produzissem sinais espontaneamente.

Os sinais selecionados neste artigo fazem parte de dois estudos: monografia de Myrna Monteiro, em 1995, na disciplina Sociolinguística da Faculdade de Letras da UFRJ, ministrada pelo professor Dr. Emmanuel M. S. T. J. dos Santos no curso de Especialização Linguística Aplicada ao Ensino do Português, e do livro “Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais”, Fernandes e Strobel (1998) que apresenta sinais encontrados no Paraná.

As variações encontradas em Mato Grosso do Sul e Minas Gerais foram observadas em encontros de Surdos cuja autora deste artigo participou.

4 | ANÁLISE DE SINAIS COM VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS EM LIBRAS

Para análise das variações são descritos os parâmetros fonológicos de cada sinal.

(1) Na Libras, no nível lexical, os sinais para cor BRANCO no Rio de Janeiro e para a cor BRANCO em São Paulo (SP) são diferentes respectivamente apresentados pelas 1 figuras 1 e 2.



Figura 1 – BRANCO (RJ)



Figura 2 - BRANCO (SP)

Os parâmetros para o sinal BRANCO (RJ) são: CM nº 63; Ponto de Articulação, antebraço esquerdo; Movimento, passar o dorso dos dedos direitos sobre o antebraço esquerdo iniciando do cotovelo até a direção ao pulso, uma vez.

Vale ressaltar que para a análise das variações linguísticas em Libras, utilizou-se como base para as configurações de mão o quadro 2 proposto por Felipe e Monteiro (2008). Esse sinal para a cor branco, para os cariocas, também pode se referir à cor da pele.

Os surdos paulistas utilizam o sinal BRANCO (SP) para a cor branca devido à

1 Figuras 1 a 13 realizadas por Tadeu de Souza.

origem do sinal LEITE que tem essa cor.

Os parâmetros para o Sinais BRANCO (SP) são: CM n°46ª e 02; Ponto de Articulação, espaço neutro; Movimento, mão direita em 46ª e depois em 02, palma inclinada para cima, abrindo e fechando. a mão ligeiramente, repetindo duas vezes.

(2) Outra variação linguística é o sinal de TRISTE no Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul e São Paulo que são representados pelas figuras 3, 4 e 5, respectivamente.



Figura 3-TRISTE (RJ)



Figura 4 - TRISTE (MS)



Figura 5 - TRISTE (SP)

O sinal TRISTE (RJ) e (MS) são parecidos entre si, mas diferentes do sinal TRISTE em SP. O primeiro e o segundo são parecidos no nível fonológico. Já o sinal TRISTE (SP) destaca mais o sentido de “MAGOA” no peito.

Os parâmetros para o sinal TRISTE (RJ) são: CM n° 39; Ponto de Articulação, no queixo; Movimento; mão direita com a ponta do dedo polegar tocando o queixo com a expressão triste. O sinal TRISTE (MS) é semelhante ao sinal TRISTE (RJ), porém, no nível fonológico, a mão é virada para baixo.

Os parâmetros para o sinal TRISTE (SP) são:

CM 46 e 02; Ponto de Articulação, no peito; Movimento, mão direita aberta, palma para cima, movimentar ligeiramente para baixo e fechar os dedos.

(3) Os sinais, MAS em São Paulo e no Rio de Janeiro são representados pelas figuras 6 e 7.



Figura 6 - MAS (SP)



Figura 7 - MAS (RJ)

A principal diferença entre o sinal MAS (SP) e o sinal MAS (RJ) é uma pausa feita no final do sinal pelos surdos no Rio de Janeiro.

Os parâmetros para o sinal MAS (SP) são: CM n° 14; Ponto de Articulação, espaço neutro; Movimento, mãos inclinadas para baixo e dedos indicadores cruzados. Movem-se as mãos para os lados opostos, inclinando um pouco a cabeça para baixo.

Os parâmetros para o sinal, MAS (RJ) são: CM n° 64; Ponto de Articulação, espaço neutro; Movimento, mãos abertas, palmas para frente. Movem-se as mãos ligeiramente para frente, inclinando um pouco a cabeça para frente e fazendo uma parada.

(4) Os sinais para VERDE em São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná são ilustrados nas figuras 8, 9 e 10:



Figura 8 -VERDE (SP)



Figura 9 - VERDE (RJ)



Figura 10 - VERDE (PR)

Os sinais para VERDE são diferentes em São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná.

Os parâmetros para o sinal VERDE (SP) são: CM n° 15; Ponto de Articulação, no queixo; Movimento, mão direita com a palma para o lado, lateral do dedo indicador curvado tocando o queixo. Move-se a mão para frente.

Os parâmetros para o sinal VERDE (RJ) são: CM n° 32; Ponto de Articulação, dorso da mão; Movimento, mão direita em V horizontal, palma para baixo, dedos apontando para o lado. Passa-se a palma dos dedos direitos para a esquerda e para a direita sobre o dorso da mão esquerda, duas vezes.

Os parâmetros para o sinal VERDE (PR) são: CM n° 49 e 48; Ponto de Articulação, em frente do nariz; Movimento, mão direita com palma para o lado, abrindo e fechando os dedos indicador e polegar ligeiramente, repetindo duas vezes.

(5) Os sinais VIAJAR em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais são apresentados nas figuras 11,12 e 13.



Figura 11 - VIAJAR (RJ)



Figura 12 - VIAJAR (SP)



Figura 13 - VIAJAR (MG)

Os parâmetros para o sinal VIAJAR (RJ) são: CM, nº 63; Ponto de Articulação, espaço neutro; Movimento, mãos abertas, palma a palma, mão esquerda acima da palma da mão direita. Move-se a mão direita para cima, uma vez.

Os parâmetros para o sinal VIAJAR (SP) são: CM nº 42 e 45; Ponto de Articulação, espaço neutro; Movimento, mão direita inclinada para cima, dedos unidos. Move-se a mão para frente e para cima abrindo e fechando ligeiramente os dedos, repetindo três vezes.

Os parâmetros para o sinal VIAJAR (MG) são: CM nº 8^a; Ponto de Articulação, espaço neutro; Movimento, mãos em L com as pontas dos polegares se tocando e as palmas das mãos para baixo. Movem-se as mãos para frente e os indicadores para baixo e para cima, repetindo três vezes.

Para compreendermos algumas variações sociais é importante saber que, para os surdos, a ação de apontar é natural, como acontece, por exemplo, nos sinais: **EL@ X AQUEL@ (ALI)**. O “apontar” pode ser usado para uma pessoa ou um objeto. Mas a maneira educada de apontar para alguém é usando uma das mãos para bloquear a ação de apontar, isto é, a mão ativa aponta para a mão passiva que trava o contato. Assim, essa diferença na forma de apontar representa uma variação diastrática na Libras.

Além dessa situação, podemos mencionar dois exemplos de variação social que ocorrem no uso de expressões faciais sem o uso aceito na língua educada, o que pode indicar informalidade, ou dependendo da expressão adotada, sentido pejorativo. Por exemplo, o sinal **ROUBAR**. Ele pode ser feito com a mão (**figura² 14**) ou sinal não-manual expresso por um determinado movimento da língua na bochecha. Por uma questão situacional, um dos sinais será mais adequado.

23 e **Figuras 14 e 15** – Fernando Cezar Capovilla & Walquiria Duarte Raphael. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira, 2 volumes: sinais de A – L e M – Z, Edusp, 2001.

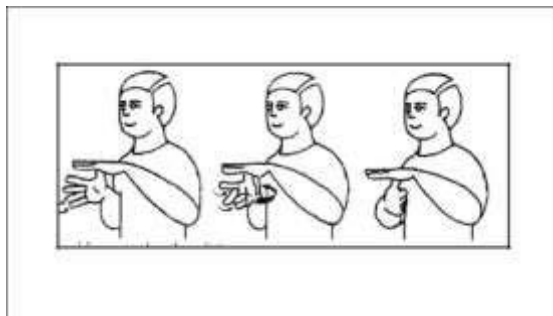


Figura 14 – ROUBAR

Outro sinal utilizado em diferentes contextos sociais é **SEXO**. O sinal pode ser feito com a mão ou sinal não manual expresso por um determinado movimento da língua na bochecha. (Figura³ 15)

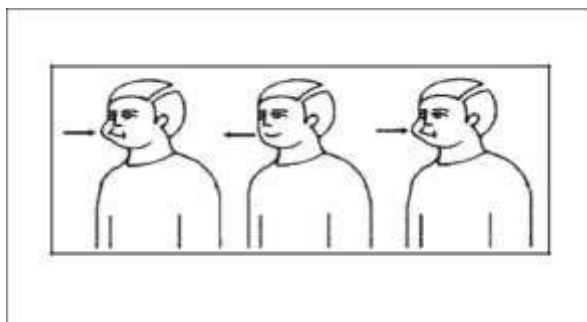


Figura 15 – SEXO

Dessa forma, foram apresentados e analisados alguns sinais da Língua Brasileira de Sinais enfatizando as variações linguísticas.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta exemplos que mostram que a Libras, como qualquer outra língua, apresenta variações linguísticas. Dentre os sinais analisados, constatou-se que motivações regionais, sociais e históricas podem influenciar na produção de sinais, conforme se verificou nos sinais: BRANCO para o estado do Rio de Janeiro e de São Paulo; TRISTE, para Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso do Sul; MAS e VERDE, em São Paulo, no Paraná e no Rio de Janeiro; VIAJAR, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Motivações relacionadas ao modo de sinalizar, seja por descrição social ou por preferência de quem sinaliza, encontraram-se as possíveis variações nos sinais, ROUBAR e SEXO.

Para que se possa ter uma compreensão melhor da Libras são necessárias

pesquisas para encontrar mais variações, contribuindo assim para que pessoas possam se comunicar melhor, bem como estudos profundos sobre os diversos fatores que contribuem para as variações linguísticas em Libras.

Dentre estes fatores, destacam-se: a influência histórica de cada geração; os acontecimentos gerados através da língua pela sociedade; as variações históricas, regionais e sociais; as relações presentes nas classes sociais, ou seja, os surdos mais velhos que costumam preservar as formas antigas; as formas mais escolarizadas, ou seja, de prestígio social; variações entre as classes sociais, alterações nos itens lexicais em relação a diferenças de idade, escolaridade e sexo (masculino e feminino); e as distinções das formas estigmatizadas e não estigmatizadas, ou neutra, ou não marcada.

Sendo assim, este trabalho, de forma inicial, relata algumas variações da Libras a fim de contribuir com as pesquisas linguísticas dessa língua visual.

REFERÊNCIAS

BRASIL., Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Dispõe sobre o Reconhecimento da Língua de Sinais Brasileira como língua natural de uma pessoa surda.** Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm> Acesso em: 13/11/2016.

BRASIL., **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005.** Brasília, DF. Disponível em: Acesso em: 13/11/2016.

CAPOVILLA, F.C., RAPHAEL, W.D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngua da Língua de Sinais Brasileira.** São Paulo, Edusp, Volumes I e II, 2001.

FELIPE, T.; MONTEIRO, M. **LIBRAS em Contexto – Curso Básico – Livro do Professor**, 2ª Edição, Brasília: MEC/SEESP/FNDE, 2008.

FERNANDES, S.; STROBEL, K. **Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**, Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

FERREIRA-BRITO, L. **Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB.** Espaço: Informativo Técnico-Científico do INES, Rio de Janeiro, v. 1, p. 20-43, 1990.

_____. **Integração Social e Educação de Surdos.** Babel Editora: Rio de Janeiro, 1993.

_____. **Por uma Gramática da Língua de Sinais.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro: UFRJ. Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

MONTEIRO, M. **A variação linguística em Língua Brasileira de Sinais.** Monografia apresentada no curso de Especialização Linguística Aplicada ao Ensino do Português, Faculdade de Letras, UFRJ, RJ, 1995.

_____ **A Interferência do português na análise gramatical em Libras: o caso das preposições.**
Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC,
2015.

PADDEN, C. **The deaf community and the culture of deaf people.** In: WILCOX, S. (Ed) **American Deaf Culture: na anthology.** Burtonsville. MD: Lindtok Press, 1989.

QUADROS, R; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos.**
Porto Alegre: Artmed, 2004.

SKLIAR, C. **Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos.** Vol. 1 e 2. Editora Mediação, Porto Alegre, 1999.

STOKOE, W. C. et.all. **A dictionary of american sign language on linguistic principles.** 2ª Ed. Silver Spring: Linstok Press, [1965] 1976.

STROBEL, K. FERNANDES S. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais.** Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de educação Departamento de Educação Especial. Curitiba. SEED/SUED/DEE, 1998.

SOBRE O ORGANIZADOR

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS - Doutor em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Mestre em Letras, área de concentração Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2015). Especialista em Prática Judicante pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2017), em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016), em Direito Civil-Constitucional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016) e em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2015). Aperfeiçoamento no Curso de Preparação à Magistratura pela Escola Superior da Magistratura da Paraíba (ESMAPB, 2016). Licenciado em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2012). Foi Professor Substituto na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Mamanguape (2016-2017). Atuou no ensino a distância na Universidade Federal da Paraíba (2013-2015), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) e na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2018-2019). Advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direito canônico, direito constitucional, direito civil, direitos humanos e políticas públicas, direito e cultura), Literatura (religião, cultura, direito e literatura, literatura e direitos humanos, literatura e minorias, meio ambiente, ecocrítica, ecofeminismo, identidade nacional, escritura feminina, leitura feminista, literaturas de língua portuguesa, ensino de literatura), Linguística (gêneros textuais e ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Parecerista *ad hoc* de revistas científicas nas áreas de Direito e Letras. Organizador de obras coletivas pela Atena Editora. Vinculado a grupos de pesquisa devidamente cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: orcid.org/0000-0002-5472-8879.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arquétipos conceptuais 12, 13, 20, 21

E

Escrita 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 31, 32, 35, 38, 43

Exílio 1, 2, 3, 7, 11

G

Gramática 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 23, 24, 51, 61

I

Iconicidade 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 46, 47, 48, 49, 50

Imaginário 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10

L

Libras 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 62

Linguística 14, 20, 22, 25, 27, 28, 31, 35, 40, 51, 56, 57, 61, 62, 63

Literatura 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 44, 63

S

Signos multimodais 37, 42

T

Termos oracionais 12, 24

Tuítes 25, 26, 31, 32

V

Variações linguísticas 51, 52, 55, 56, 60, 61

REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br


 @atenaeditora


 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

